

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
(HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA)

RAQUEL MOREIRA MENDANHA

**O ASSENTAMENTO HEBERT DE SOUZA (PARACATU, MG): HISTÓRIAS,  
MODOS DE VIDA E PRÁTICAS MATEMÁTICAS**

Belo Horizonte (MG)

2020



RAQUEL MOREIRA MENDANHA

**O ASSENTAMENTO HEBERT DE SOUZA (PARACATU, MG): HISTÓRIAS,  
MODOS DE VIDA E PRÁTICAS MATEMÁTICAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

**Orientador: Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes**

Belo Horizonte (MG)

2020

RAQUEL MOREIRA MENDANHA

**O ASSENTAMENTO HEBERT DE SOUZA (PARACATU, MG): HISTÓRIAS,  
MODOS DE VIDA E PRÁTICAS MATEMÁTICAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Aprovada em 29 de outubro de 2020.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes (UFMG)

Profa. Dra. Álida Alves Angélica Leal (UFMG)

Profa. Ms. Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi (UFMG)

Dedico este trabalho a todos/as os/as agricultores/as que lutam e que se dedicam, preocupados em plantar o alimento e também um futuro sustentável, com menos desigualdade social, no intuito de colher uma sociedade mais justa e fraterna, na esperança de um mundo melhor de se viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela força, fé e perseverança nesses quatro anos de muitas lutas e desafios, me levantando todos os dias, não permitindo minha desistência diante das dificuldades, me guardado dos perigos, nos trajetos de casa até Belo Horizonte, possibilitando colher os frutos dessa trajetória.

Agradeço à minha família pelo incentivo, em especial minha mãe, que esteve sempre do meu lado, brigando para que concluísse essa graduação. Aos meus filhos, meu esposo e irmão por compartilharem comigo os momentos de angústia e também alegria.

Agradeço a todos os professores, monitores, bolsistas e funcionários da Faculdade de Educação que esteve junto comigo esses quatro anos, me ajudando e me apoiando no que precisei.

Aos meus colegas e amigos do LECAMPO, que se tornaram minha família durante todo percurso e ao logo desses quatro anos, pessoas maravilhosas que tive o privilégio de conhecer e que me proporcionaram uma vivência que jamais imaginei.

Agradeço imensamente aos movimentos sociais organizados, pela oportunidade que tive de estudar em uma instituição renomada como a UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS, em especial, à FACULDADE DE EDUCAÇÃO, o LECAMPO e todos os professores de área, que contribuíram, para minha formação na habilitação em MATEMÁTICA, e também ofereceram uma formação social, política e humana.

Não menos importante os dias, meses e anos de aprendizado que passei na nossa capital Belo Horizonte.

Agradeço aos meus colaboradores e à minha comunidade por fornecerem informações e histórias que viabilizaram a construção deste trabalho.

Agradeço também aos professores que nos proporcionaram passeios, aulas excepcionais e diferenciadas, tornando mais leve e menos cansativo o aprendizado e à distância de casa.

Meu agradecimento especial vai para a coordenação do LECAMPO, que lutou e resistiu bravamente aos retrocessos que aconteceram desde o nosso ingresso,

permitindo a nossa conclusão e a continuação do curso.

Aos professores e coordenadores de área, que se dedicaram e empenharam para disponibilizar o melhor em todos os setores e principalmente uma formação de qualidade.

Meus agradecimentos aos monitores/as que nos acompanhou durante esse percurso, auxiliando nas atividades, mas, servindo de amigos, nos amparando nos momentos difíceis.

Meu agradecimento mais do que especial vai para o professor, coordenador e orientador Filipe Fernandes, que se dispôs a me ajudar no meu trabalho de conclusão de curso, me mostrando o caminho desde o início, me incentivando e construindo o caminho para que eu finalizasse essa escrita.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir os modos de vida e as práticas matemáticas presentes no Assentamento de Reforma Agrária Hebert de Souza, no município de Paracatu (MG). Além de utilizarmos pesquisas realizadas por sujeitos pertencentes ao assentamento como suporte teórico, na intenção de construir fontes históricas sobre o assentamento, mobilizamos a História Oral como metodologia, uma forma de dar voz, visibilidade e importância a processos de luta de povos “esquecidos” pela sociedade, como povos acampados e assentados, reafirmando a identidade camponesa. Assim, identificamos e realizamos entrevistas com sujeitos envolvidos nos processos de luta, que trazem uma trajetória produtiva na lida com a terra e por possuírem histórias de vida com conhecimentos tanto nos pontos sociais quanto agrários. Além de discutir as vivências desses sujeitos nesse assentamento, buscamos tratar de suas relações com práticas que identificamos como matemáticas, e como esses conhecimentos sofreram modificações nos modos de vida desses sujeitos e da comunidade. Os resultados mostram como os sujeitos reafirmam suas identidades camponesas, mantendo metodologias e práticas próprias, subvertendo processos burocráticos e formais, utilizando instrumentos que usavam no passado e tentando conservar os conhecimentos e os costumes que viviam, seja nas práticas matemáticas ou nas relações de companheirismo na realização da produção e comercialização dentro da comunidade.

**Palavras-chave:** Assentamento. Educação do Campo. Práticas Matemáticas. História Oral. Reforma Agrária.

## SUMÁRIO

Capítulo 1 – Introdução	8
1.1 – Memorial	8
1.2 – Objetivos	17
Capítulo 2 – O contexto da pesquisa	18
2.1 – Reforma Agrária e o Noroeste mineiro	16
2.2 – Tempos de Acampamento do Projeto de Assentamento Hebert de Souza	18
2.3 – O Projeto de Assentamento Hebert de Souza: o contexto da pesquisa	25
Capítulo 3 – Referencial teórico-metodológico: a História Oral	28
3.1 – História Oral e História Oral em Educação Matemática	28
3.2 – O contato com os colaboradores	29
3.3 – Procedimentos metodológicos	32
Capítulo 4 – As textualizações	34
4.1 – Dirceu Oliveira Da Silva	34
4.2 – Damiron Rodrigues da Silveira	44
4.3 – Maria Abadia Pereira Gama	49
Capítulo 5 – Análises	52
5.1 – Vivências na luta pela terra	52
5.2 – Os conhecimentos matemáticos e os modos de vida	66
Considerações Finais	72
Referências	75



## CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Memorial

#### *Minha vida e as dificuldades de acesso à escola*

Durante quase toda minha trajetória escolar, alguns fatores contribuíram para que o meu desempenho escolar fosse aquém do que eu desejava, como o preconceito e a discriminação nas escolas em que estudava, quase todas localizadas na cidade, por causa da minha aparência física e por morar no campo. Mesmo com todas essas dificuldades, eu conseguia concluir cada ano escolar. Somente no Ensino Fundamental I é que não sentia tal discriminação, pois era criança e o fato de estudar com outras crianças que também moravam na mesma fazenda onde eu vivia, com as mesmas condições de vida, fazia com que o preconceito não acontecesse ou não fosse por mim percebido.

Meus problemas escolares iniciaram de fato quando fui para uma escola na cidade, pois estava crescendo e passei a entender mais sobre o mundo a minha volta. Em casa, tinha uma vida conturbada, pois meu pai era ausente e bebia muito; diante do exposto, enquanto crescia, meus pais se separaram e isso foi um choque para mim. Foi quando nos mudamos para a cidade e minha mãe me matriculou em outra escola, onde permaneci até a conclusão do 8º ano do Ensino Fundamental.

Permanecemos alguns meses na cidade de Paracatu (MG) e, nesse meio tempo, íamos muito para um acampamento passear, onde meus avôs e meus tios estavam acampados. Nessa época o loteamento desse Assentamento foi feito e minha mãe, em negociação com a minha tia que já estava acampada com o marido, mas que por problemas pessoais não poderia ficar com o lote a ela destinado, propôs a minha mãe que colocasse o lote em seu nome e que elas o dividissem em partes iguais, sendo 15 hectares de terra para cada uma.

Naquele tempo minha mãe, sozinha, foi morar em um lote com meu irmão de oito anos em um barraco de lona, embaixo de um pé de jatobá, permaneci na cidade por mais um tempo pois ainda não existiam estradas nem transporte para nos levar

até a escola. As condições eram precárias, as camas eram de pau a pique<sup>1</sup>, o fogão ficava de fora do barraco, tendo uma trempe para não ter perigo de pegar fogo na lona, e no lote só tinha mato em volta. Com a ausência do meu pai, não existiam mais as brigas violentas em casa, mas também não se tinha o provimento econômico. Para melhor entendimento das questões que trago neste capítulo, devo discorrer um pouco sobre minha trajetória escola, já que em muitos aspectos a mesma se entrelaça a vida pessoal e muitos dos enfrentamentos que tive no período escolar se deu ao fato de também residir no campo, devo acrescentar que algumas dessas questões perpassaram o tempo, e aqui onde moramos são enfrentados até os dias de hoje. Alguns exemplos são distancia percorrida e transporte escolar entre outros.

Aos cinco anos me mudei com os meus pais para uma fazenda produtora de grãos. Com o crescimento do número de funcionários, surgiu a necessidade de formar uma escola ou de se ter um transporte para levar os filhos dos trabalhadores para uma escola mais próxima. Pelo fato de a escola mais próxima ser na cidade, optou-se por montar uma escola na própria fazenda e levar uma professora, que era contratada da prefeitura, até o local. Com a ajuda do gerente da fazenda, foi desocupada uma casa com uma sala bem grande, que era separada em duas partes de modo a dividir os alunos pela proximidade dos anos escolares. A forma desta divisão era um de costas para o outro, configurando classes multisseriadas<sup>2</sup>.

Dois anos mais tarde, ingressei nesta escola que se chamava *Escola Municipal Júlio Laboissiere*. Pelo fato de ser apenas uma sala, eu pude ingressar com 7 anos, na primeira série. Naquele tempo, não tinha Educação Infantil na região, e a escola funcionava com as 1ª e 2ª séries de um lado e 3ª e 4ª séries do outro, com uma única professora que dava aula de um lado e que, depois, ia para o

1 Camas feitas com pedaços de madeira fincado diretamente no chão.

2 *Turma* ou *classe multisseriada* caracteriza um fenômeno recorrente no sistema educacional brasileiro. Nessas classes, alunos de idade e nível educacional diversos são instruídos por um mesmo professor. As classes multisseriadas ocorrem, especialmente, em regiões rurais, onde a escassez de professores, alunos ou recursos inviabiliza a existência de uma escola seriada, com alunos distribuídos por classes conforme idade e atendidos por um ou mais professores. Adaptado de: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe\\_multisseriada](https://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_multisseriada)>. Acesso em: 31 mar. 2019.

outro lado. Algumas aulas aconteciam fora da sala, que ocorriam com frequência pelo fato de ser apenas uma professora e em que se pesquisava o ambiente com todas as 4 turmas. Boa parte dessas aulas práticas, mais exploratórias, eram de disciplinas como Ciências, e eram pouco utilizadas para as aulas de Matemática. Havia também horas de lazer e as aulas de Educação Física, já que brincávamos muito e o ambiente escolar tinha bastante plantas em volta, uma represa no fundo, um pasto com um pequeno curral e alguns cavalos, tudo bem próximo da escola, utilizando o ambiente e alguns materiais para as aulas, como palitos, pedras, alguns frutos, árvores, plantas, água etc.

Considerava essa professora ótima, suas aulas eram proveitosas e a maioria dos alunos parecia compreender o que ela ensinava. Ela ia na mesa de cada um se fosse necessário, com dedicação, e muitas vezes ficava horas a mais dando aulas de reforço. Havia também interação entre os colegas e uns ajudavam os outros com mais dificuldade. Na escola tinha também uma cantineira que preparava os lanches mais gostosos que me lembro até hoje.

Assim foram meus quatro primeiros anos na escola, proveitosos. Não tive muita dificuldade em nenhuma disciplina, até que fui para o Ensino Fundamental II, quando as coisas mudaram. Comecei a utilizar o transporte escolar para ir para a cidade todos os dias para estudar. Era uma escola grande com a maioria dos alunos da cidade, era escola pública de boa fama na cidade. Considerada com o ensino de boa qualidade por ser uma escola do estado. As disciplinas foram ficando mais difíceis.

Começaram as dificuldades, pois além de ser uma escola tradicional muitas das atividades extracurriculares aconteciam fora do horário de aula e, na maioria das vezes, eu não podia participar. Grande parte dos alunos, de vida urbana, não tinha nenhuma ligação com o meio rural. As atividades eram, na maior parte das vezes, retiradas dos livros didáticos que já vinham prontos. Os professores quase não utilizavam os recursos disponíveis na escola, como sala de vídeo, biblioteca, laboratório de ciências, etc. Enfim, só recebíamos as informações passadas pelos professores, sem muitos questionamentos e, quando íamos mal nas provas, eles nos passavam trabalhos para alcançar a nota e ficava tudo bem, ou seja, passava de ano sem realmente compreender o conteúdo que havia sido ensinado.

E foi assim a segunda fase do Ensino Fundamental: fazer trabalhos para alcançar notas médias e passar o ano escolar com pouco conhecimento e com cada vez mais dificuldade. Devo dizer também, que existem exceções, e nem todos os professores e disciplinas eram assim, como a professora de História que gostava de usar recursos como vídeos para reforçar os conhecimentos que ela explicava em suas aulas.

Com o passar dos anos não tinha nenhum interesse na maioria das matérias, decorava seus conteúdos para fazer as provas e passar de ano. Na Matemática era mais delicado, já que os conteúdos foram ficando cada vez mais difíceis e fui me perdendo nos cálculos e nas fórmulas. Sinceramente não sei como conseguir prosseguir, pois passei a odiar a Matemática toda vez que tentava fazer algum cálculo que não conseguia.

Então, quando fui para o 2º Grau (hoje conhecido como Ensino Médio) levei todas as dificuldades e muitas dúvidas. Quando me deparei com cálculos mais complexos e matérias ligadas diretamente com a Matemática, mais dificuldade eu tive e me confundia cada vez mais. Além de todas essas dificuldades, ressalto que no período entre a 6ª série (atual 7º ano) do Ensino Fundamental II até terminar o Ensino Médio, já residia no Assentamento Hebert de Souza, onde moro até hoje.

Pegamos a terra bruta, como minha casa não tinha acesso por ruas, levantávamos as 3 horas para ir à escola e andávamos cerca de 4 quilômetros para chegar em um ponto onde pegávamos uma *kombi* escolar, que nos levava até a escolinha onde meu irmão estudava. Então pegávamos um ônibus que nos levava até a cidade onde eu estudava. Chegava na escola cansada, suja, com fome e com sono. Sete meses mais tarde fizeram a estrada e, por isso, não precisávamos mais andar, porém, o horário de levantar era quase o mesmo, as 4 horas da madrugada. No Ensino Médio a situação era ainda pior, pois levantava muito cedo e não tinha merenda escolar. Então permanecia de 4 horas até 14 horas e 30 minutos sem comer nada, e só almoçava quando chegava em casa novamente. Essa rotina permaneceu durante todo o meu tempo escolar.

Durante esse período dormia muito em sala e tinha um péssimo aprendizado. Os professores com um perfil tradicional passavam as informações e raramente promoviam debates. Algumas vezes para modificar suas aulas pediam para fazer

uma pesquisa.

Como tudo tem exceção, tinha professores bons, mesmo os tradicionais, mas por causa das dificuldades do dia a dia e das dúvidas trazidas de antes, meu aprendizado foi tão difícil que no 1º ano do Ensino Médio eu fiquei em dependência em cinco matérias (Matemática, Física, Química, Biologia e Literatura) tive que estudar e fazer trabalhos naquele ano, janeiro inteiro, para não repetir o ano, com ajuda do marido da minha tia que era professor. Fiz as provas no final de janeiro e passei em duas matérias (Biologia e Literatura) e por isso não reprovei, mas levei comigo para 2º ano a dependência em três matérias. Já no 2º ano não tive muitas dificuldades, alcancei as notas e passei com facilidade, mas ainda não consegui eliminar as matérias do primeiro.

No 3º ano as dificuldades foram praticamente as mesmas, mas as condições foram um pouco melhores e consegui ir bem em tudo até o final do ano, se não fosse a chegada de um professor de Física que eu não entendia nada do que ele explicava e fui de mal a pior. Então, ele me propôs um trabalho em casa para alcançar a média, com um prazo de dois dias para fazer. Fiz o trabalho, porém no dia da entrega choveu muito e o ônibus que nos levava para a escola na cidade, cerca de 53 km do local de moradia, com estrada em péssimo estado, atolou. O professor que não tinha nenhuma compreensão com as dificuldades de quem morava na zona rural não recebeu o trabalho depois do prazo. Conversei com a direção e pedi para minha mãe conversar com ele, no primeiro momento ele não quis considerar, somente depois, quando eu e minha mãe conversamos pela segunda vez com a direção, ele disse que receberia.

Na minha cidade existe uma escola para estudantes que não conseguem se formar no tempo regular e permite eliminar as matérias por etapa. Funciona da seguinte forma: se o aluno precisar recuperar na disciplina de Biologia, por exemplo, o aluno leva para casa um livro daquele conteúdo, estuda e depois volta e faz a prova. Há um tipo de monitoria para auxiliar nesse processo, em dias pré-definidos, que o professor fica de plantão para tirar dúvidas dos conteúdos, chamada suplência.

Sabendo que eu ainda tinha três matérias do 1º ano para eliminar, fui até a diretoria da escola onde estudava para pegar a declaração para eliminar as matérias

pendentes. Nesse momento, fui informada que eu tinha repetido o ano, o professor que disse que consideraria o trabalho não considerou, ficando assim com 4 matérias pendentes, o que configurava reprovação.

Peguei a declaração e me matriculei na escola que ofertava Ensino Supletivo, citada acima. Pura inocência. Como poderia aprender as matérias que não consegui eliminar em três anos, indo todos os dias e com os professores em sala? Como entenderia e aprenderia estudando sozinha em casa? Tentei e até passei nas primeiras provas, mas depois não consegui mais e abandonei.

Então, em 2006, fui convidada para participar do PRONERA<sup>3</sup> para atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como professora. Um dos requisitos exigidos era a conclusão do Ensino Médio, por isso, foi necessário me matricular novamente no 3º ano do Ensino Médio para concluir os estudos e, assim, manifestar o interesse de participar e permanecer no PRONERA.

Existe uma escola na cidade que aceitava jovens no turno regular até uma certa idade, que era onde meu irmão estudava. Fui até a escola e conversei com a supervisora, que me aceitou como aluna. Então me matriculei e terminei o Ensino Médio ainda no ano de 2006.

### *Minha Experiência no Campo da Educação*

Fiquei dois anos sem estudar até que surgiu a oportunidade de atuar como professora no PRONERA alfabetizando jovens e adultos. Eu precisava, então, concluir o Ensino Médio, pois para atuar como professora era exigido o histórico de conclusão. Comecei a estudar e a lecionar simultaneamente. Matriculei-me em uma escola regular, a única que me aceitou por causa da idade, no turno da manhã.

Iniciei meus estudos nessa instituição, em que a direção tinha bastante consideração com os alunos que vinham da zona rural. Quase não sofria

<sup>3</sup> O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA foi criado em abril no ano de 1998 com o objetivo de proporcionar educação aos jovens e adultos em situação de reforma agrária. Entre os anos de 2003 a 2010 o PRONERA já contava com 346.629 de alunos com significativa ampliação de alunos em cursos de formação profissional, superior e pós-graduação, ainda que mantendo sua prioridade inicial na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<https://anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt03-4026.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2020

discriminação, e acredito que seja porque essa escola recebia bastante alunos dos bairros mais humildes da cidade. Tive uma ótima professora de Matemática, passei de ano com facilidade e comecei a perder o medo da matéria. Passei a ter curiosidade e procurei aprender mais.

Em 2006 concluí meu Ensino Médio e desde então tentei uma vaga na Universidade. Uma colega fez minha inscrição no PROUNI<sup>4</sup>, com a nota do ENEM<sup>5</sup>, consegui meia bolsa no curso de Pedagogia, o que não foi suficiente, por causa das condições financeiras e de trabalho, tive que desistir da bolsa.

Nesse período a experiência de dar aula na EJA me trouxe muitas questões sociais e me despertou o interesse de aprender mais, pois tive muita dificuldade em planejar as aulas já que o Programa utilizava o método Paulo Freire, que parte de um tema gerador da realidade do aluno para contextualizar e elaborar as atividades. Tive muitas dificuldades: não conseguia fazer essa associação da realidade com os conteúdos da escola e a evasão foi ficando cada vez maior. Muitas vezes tive que ir de casa em casa, tentando resgatar cada aluno. Mesmo com essas dificuldades, permaneci no Projeto até o final daquele ano.

Conheci meu marido e, no ano seguinte, fui morar com ele em outra região. Fiquei grávida e ali permaneci até meu filho completar 1 ano e dois meses. Depois, retornei para o assentamento com meu filho e meu marido.

Em 2010 surgiu a oportunidade de regressar ao PRONERA, pois a professora que atuava na minha comunidade havia falecido e o coordenador me procurou. Pelo fato de já ter trabalhado, pediu que eu atuasse novamente. Foi um ano mais

4 Programa Universidade Para Todos - O Programa Universidade para Todos (Prouni) do Ministério da Educação é um programa que oferece bolsas de estudo, integrais e parciais (50%), em instituições particulares de educação superior. Somente poderá se inscrever no Prouni o estudante brasileiro que não possua diploma de curso superior e que tenha participado do Enem mais recente e obtido, no mínimo, 450 pontos de média das notas. Além disso, o estudante não pode ter tirado zero na redação. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 8 de set. 2020.

5 Exame Nacional do Ensino Médio - Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acesso em: 8 de set. 2020.

proveitoso que o ano anterior que eu havia atuado, mas, mesmo com muitas dificuldades em trabalhar dentro da realidade, consegui passar mais este ano no PRONERA, mas o Programa acabou.

Sempre tive vontade de estudar e o fato de ter passado pelo PRONERA contribuiu bastante para que eu saísse do comodismo e procurasse avançar nos estudos. Como não tinha condições de pagar uma faculdade e nem formação escolar para conseguir nota alta no ENEM e conseguir uma bolsa integral, fiquei aguardando uma oportunidade. Foi quando na minha cidade estavam anunciando um curso técnico de Programação de Jogos Digitais, gratuito, pelo PRONATEC<sup>6</sup>.

Me inscrevi, pois tinha os requisitos impostos pela instituição. Fui aprovada e me matriculei no curso. Como era uma faculdade particular, eles não levaram tão a sério essa formação, não disponibilizavam laboratórios para trabalhar a prática e trocava de professor frequentemente, talvez pelo fato de a instituição tratar com descaso aquele curso. A consequência disso é que de duas turmas de 35 alunos, se formaram apenas seis alunos, e eu fui uma delas, mas não tive até hoje proveito nenhum daquele curso.

No ano de 2012 fiz um concurso público para a área administrativa da minha cidade. Tinha vagas nas escolas do campo perto da minha comunidade, passei e comecei a trabalhar na cantina, mas sob a forma de contrato. Somente em abril de 2013 tomei posse na escola, como efetiva. Esta é uma instituição onde estudam as crianças da minha comunidade, fazendas e demais assentamentos no entorno. Desde então venho participando diretamente dos desafios e alegrias dessa escola.

### *Ingresso no LECAMPO*

Tive conhecimento do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2014, por um amigo egresso do curso e morador da minha comunidade. Fiz a inscrição naquele ano, porém não consegui fazer o levantamento dos documentos em tempo hábil e

<sup>6</sup> O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal em 2011, por meio da Lei nº 12.513, com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>> Acesso em: 08 Set. 2020.



perdi o prazo de envio. No ano seguinte fiz a inscrição e passei, porém confesso que não gostava da área de Matemática, ainda tinha medo dela, mais vi uma oportunidade para eu estudar já que os anos estavam se passando e ficava cada vez mais desmotivada.

O LECAMPO que é um curso presencial oferecido em períodos de alternância, com base na Pedagogia da Alternância, e que se divide em dois tempos, o Tempo Escola e o Tempo Comunidade. Essa modalidade nos permite transitar e difundir os saberes acadêmicos e os saberes próprios da comunidade. Foi quando começou de fato a minha transformação.

O curso me proporcionou ver a vida de uma outra forma, valorizar a minha história e a luta da minha comunidade. Passei a compreender a matemática de forma diferente, mudando a concepção que eu conhecia de que a matemática era algo inalcançável, acessível somente para pessoas muito “inteligentes”.

No curso aprendi o verdadeiro sentido da palavra coletividade, já que me proporcionou conviver com pessoas incríveis e sentir emoções que nunca imaginei sentir. Me fez ver a vida e a escola com outra perspectiva, abrir a visão para questões humanas e sociais e ainda me permitiu, através dos trabalhos que desenvolvíamos, enxergar saberes matemáticos que antes não percebia e trazer reflexões em torno da vivência nos movimentos sociais camponeses e questões que eram para mim desconhecidas.

#### *A construção do tema desta pesquisa*

O interesse por este tema de pesquisa surgiu durante a realização de trabalhos, efetuado nas atividades do Tempo Comunidade, nos quais se buscava, na maioria das vezes, saberes e fazeres da vida camponesa que de alguma maneira envolvessem conhecimentos ou conceitos matemáticos. Assim, em diferentes momentos, foi pedido que se pesquisasse as práticas matemáticas utilizadas na minha comunidade, o que despertou uma curiosidade e uma inquietação.

Em debates em sala notei que, alguns colegas mostravam uma matemática diferenciada e própria de suas regiões, que eram pensadas e elaboradas para suprir a necessidade do dia a dia na lida do campo naquele determinado grupo ou

comunidade. Observei que em minha comunidade não são utilizados utensílios, formas, prensas e técnicas de venda construídos de forma artesanal por eles próprios, como faziam seus ascendentes, que por sua vez fabricavam todos esses mecanismos para facilitar a produção, armazenamento, comercialização e escambo<sup>7</sup> dos seus produtos, que eram, muitas vezes, baseados nas relações de confiança entre ambas as partes.

Notei então que na minha comunidade esse tipo de prática matemática não mais aparecia. Comecei a me questionar o que aconteceu nessa comunidade e com esses sujeitos, que me fez refletir sobre como podemos nos modificar tanto, influenciados por um modo de vida padronizado, a ponto de se absterem de valores e culturas e assim não criando meios para conciliar a modernização com a preservação do que existia, em herdar a tradição.

Hoje, no entanto, percebo que essas práticas são baseadas nas relações de poder, querem padronizar o modo de vida e de produção, não se apoiam mais na confiança, mas, no padrão de mercado, a compra e venda, tudo empacotado e pesado em balanças de precisão. Diante dessas observações comecei a me questionar: o que mudou nessas relações em que os sujeitos optaram pela padronização? Que influência esse desenvolvimento tem sobre as relações desses sujeitos com eles próprios e na mudança de praticar a matemática? Essas necessidades mudaram a ponto de os sujeitos utilizarem concepções e modos de vida “urbanizados”, abandonando os modos de vida tradicionais no campo? Isso acontece por ser um assentamento de reforma agrária, onde já não se faz mais necessária a luta pela terra em si, mas lutar por políticas de sobrevivência e estruturação, adaptando a novos costumes, que em uma visão geral dessas relações, aumentam os conflitos e a segregação dos sujeitos com eles próprios e meio de vida na comunidade? São questões e reflexões que trago para discutir nesta pesquisa.

Assim, a pesquisa aborda questionamentos sobre a mudança dos modos de vida desses sujeitos, o que interfere nas relações pessoais, na organização e na

<sup>7</sup> Escambo é o termo utilizado para designar a prática de troca de serviços ou mercadorias, um método de pagamento caracterizado pela permuta e que substitui o uso do dinheiro. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/escambo/>> Acesso em: 14 out. 2019.

vivência dessa comunidade. Busco tratar essa mudança olhando para a matemática presente nas práticas do cotidiano, tanto atualmente quanto no passado.

A vida em um Assentamento requer todos os dias enfrentamentos e resistências em que, muitas vezes, se pode ganhar ou perder, o que nem sempre são bens materiais, plantações ou objetos de valor, mas sonhos, costumes, batalhas, permanências, culturas e tradições. Com a chegada da “modernidade” e suas tecnologias, melhora-se o trabalho no campo, mas se abandona o simples, o rústico e outros aspectos encantadores da vida no campo, que são as rodas de conversas nas noites enluaradas, as visitas aos vizinhos, os negócios entre amigos e a vida sem as complicações e as influências dos costumes de produção e comercialização impostos pelo capital.

## **1.2 Objetivos**

### **Objetivo Geral**

O objetivo deste trabalho é discutir os modos de vida e as práticas matemáticas presentes no Assentamento de Reforma Agrária Hebert de Souza, no município de Paracatu (MG).

### **Objetivos específicos**

- Construir e disponibilizar relatos sobre a história do Assentamento de Reforma Agrária Hebert de Souza, a partir da História Oral;
- Investigar possíveis mudanças nos modos de vida durante o processo de formação do Assentamento de Reforma Agrária Hebert de Souza;
- Investigar possíveis influências de mudanças nos modos de vida em práticas matemáticas presentes no Assentamento.

## CAPÍTULO 2. O CONTEXTO DA PESQUISA

### 2.1 Reforma Agrária e o Noroeste mineiro

Neste capítulo, buscarei tratar de forma resumida o significado de Reforma Agrária, o que diz a Constituição Federal e como ocorreu, na região Noroeste de Minas Gerais, no município de Paracatu, na formação do Projeto de Assentamento Hebert de Souza, onde resido e constituo o cenário desta pesquisa.

O trabalho de conclusão de curso de Silveira (2016), intitulado *O desenvolvimento econômico das famílias assentadas no Projeto de Assentamento Hebert de Souza no município de Paracatu – MG*, buscou expressar de forma simples e acentuada o que diz a Lei sobre Reforma Agrária em nosso país. O autor do trabalho foi umas das lideranças no processo de ocupações no noroeste mineiro, líder do Acampamento, um dos criadores da Associação do Projeto de Assentamento Hebert de Souza e residente na comunidade até a presente data.

A Reforma Agrária atinge um senso de luta aliada à vontade da conquista, pois em boa parte dos relatos históricos relacionados a esse fato, em nenhum momento se ouviu falar de uma desapropriação de terras para fins de Reforma Agrária sem uma persistente trajetória de manifestações e reivindicações pelo direito de conquistar um pedaço de terra por sujeitos que trabalham nela, mas para propriedades alheias (SILVEIRA, 2016).

De acordo com a Lei nº 4504, 30 de novembro de 1964, que dispõe sobre o Estatuto da Terra, no seu artigo 1º, parágrafo 1º:

Considera-se Reforma Agrária o conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social e ao aumento de produtividade (BRASIL, 1964).

Partindo do pressuposto de que a Reforma Agrária é uma agregação de medidas para proporcionar uma melhor distribuição de terras, entende-se que quem concentra grandes propriedades e as mantém ociosa, torna-as improdutivas e passíveis de serem distribuídas legalmente entre os que nada tem de terra, mas que possuem grande desejo de produzir e transformá-las produtivas.

Assim, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 184, diz que:

Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei (BRASIL, 1988).

Nessa direção, a Lei nº 8.629/1993 confirma que a grande propriedade pode ser considerada produtiva ou improdutiva, no que diz respeito à produção, observando os seguintes fatores: produtiva, quando usufruir 80% de utilização de sua área com produtividade; e, quando isso não ocorrer, estas grandes propriedades serão passíveis de expropriação, sendo consideradas improdutivas.

A legislação demonstra que o processo de desapropriação atende a critérios e a normas governamentais que passam por avaliações de profissionais que registram em laudos técnicos a situação de produtividade ou não da propriedade. Assim, a partir dos resultados técnicos, atesta-se se o imóvel rural serve para atender uma exigência de função social ou não, podendo transformar tais terrenos em Projetos de Assentamentos Rurais para atender famílias trabalhadoras rurais sem-terra (SILVEIRA, 2016).

Percebe-se que a região Noroeste de Minas Gerais possui a maior concentração de terras do estado, neste cenário a que detém menor percentual de propriedades de 0 a 100 hectares. Servindo-se de uma agricultura crescente, persistem latifúndios extensivos de pecuária e uma agricultura familiar apenas de subsistência (ANTUNES-ROCHA, 2012).

A região Noroeste de Minas foi referência no movimento de luta pela terra, a partir de mobilizações construídas pelas entidades sindicais, Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG), Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Movimentos dos Sem-Terra. Por isso, a região tornou bem evidente a importância do movimento sindical no processo de ocupações de terra e da luta pela Reforma Agrária na região Noroeste de Minas (SILVEIRA, 2016, p. 18).

Foi na década de 1990 – mais precisamente, entre 1985 e 1993 – o início das lutas pela terra na região Noroeste de Minas, conforme comenta a socióloga Leda

Maria Benevello de Castro:

As fortes mudanças sociais na região e suas consequências negativas para os trabalhadores e trabalhadoras rurais associadas a uma conjuntura política de maior abertura, após 20 anos de ditadura, propiciaram a percepção de que finalmente, o acesso à terra seria viabilizado para os trabalhadores do campo, por meio de uma política de reforma agrária. Coube às lideranças sindicais da região ler a conjuntura, com suas possibilidades e desafios, e desencadear as primeiras ações deste movimento social (CASTRO, 2015 apud SILVEIRA, 2016).

Segundo dados do Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (INCRA), o Noroeste mineiro é a região do estado com a maior concentração de projetos de Assentamentos da Reforma Agrária: 53 Assentamentos sob jurisdição do INCRA SR-06 e 72 Assentamentos sob a jurisdição do INCRA SR-28, totalizando uma média de 125 projetos de Assentamentos somente nessa região.

No município de Paracatu, Minas Gerais, de acordo com relatos de antigas lideranças sindicais da época, como a ex-presidente do sindicato, Eliene Aparecida Ribeiro da Silva e o ex-diretor do polo da FETAEMG, Otacílio Cândido Pereira, presentes na tese de doutorado de Souza (2015), a ocupação representativa de terras improdutivas ocorrida no município de Paracatu deu-se ano de 1995. Após esse marco histórico da Reforma Agrária no município de Paracatu, com destaque nas primeiras ocupações, outras ocupações de grande relevância para o processo de luta pela terra através da Reforma Agrária ocorreram no município. Foram ao todo 12 Assentamentos conquistados com muita luta e efetivados pelo INCRA no período de 1996 a 2011.

O Projeto de Assentamento Hebert de Souza foi criado sob o processo nº 54170.00887/97-71 em 13 de novembro de 1997. Está cadastrado no Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária (SIPRA) com o código MG0094000. Sua área é de aproximadamente 3.288 hectares, com capacidade de assentamento para 87 famílias. Mantém uma distância de 502 km da capital mineira, Belo Horizonte, e 58 km do município sede, Paracatu (INCRA, 2014).

Foram muitas mobilizações de luta até a concretização do Assentamento Hebert de Souza. O povo não se calou, permaneceu unido e persistente no objetivo de luta pela terra. Em 14 de julho de 1997, o então presidente da República,

Fernando Henrique Cardoso, decretou a desapropriação da fazenda Conceição, pelo decreto nº 54170.003887/97-71. Era a confirmação que a vida de acampado estava chegando ao fim.

Em 13 de novembro de 1997 foi criado legalmente o Projeto de Assentamento Hebert de Souza, pelo INCRA. O nome do Assentamento foi selecionado pelos próprios acampados em homenagem ao renomado ativista e sociólogo brasileiro Hebert José de Souza<sup>8</sup> que faleceu nessa mesma época.

Então, em janeiro de 1998, precisamente no dia 15, foi encerrado definitivamente o tempo de acampamento. As famílias assumiram suas parcelas (lotes), mas permaneceram morando em barracos, pois a construção das casas de alvenaria só aconteceria em outro momento de luta, já que o acesso aos créditos de apoio, investimento, habitação se deu posteriormente, a partir de outras lutas.

## **2.2 Tempos de Acampamento do Projeto de Assentamento Hebert de Souza**

Os acampamentos são a maneira que os movimentos sociais sem-terra encontraram para chamar a atenção do poder público e da sociedade para as desigualdades e injustiças no campo, por meio de ocupações de terra. Eleusa Spagnoulo Souza (2015, p. 103), em sua pesquisa de doutorado intitulada *As vozes das Mulheres Trabalhadoras Rurais no Assentamento Hebert de Souza município de Paracatu/MG*, reforça o conceito de acampamento citando Turatti (1999), que diz que “acampamento é um organismo social que possui território definido, organização político-social estruturada e, dispõe de um tipo peculiar de unidade social integrada ao meio rural brasileiro” (TURATTI, 1999 apud SOUZA, 2015).

Para melhor compreender a história dos tempos de acampamento do Projeto de Assentamento Hebert de Souza, Souza (2015) utiliza vozes de mulheres moradoras da comunidade:

Foi um ano e três meses morando debaixo de lona preta, a condição de vida era precária, não tinha alimento direito, nem água potável

<sup>8</sup> Hebert José de Souza (1935-1997) foi sociólogo, ativista político e dos direitos humanos, mais conhecido como Betinho. Seu trabalho mais importante foi o projeto *Ação da Cidadania: contra a fome, a miséria e pela vida*. Disponível em: <[www.e-biografias.net/betinho/](http://www.e-biografias.net/betinho/)> Acesso em: 31/03/2019.

para beber, nem escola para os filhos, nem médicos, vida muito difícil, mais ainda assim tinha disciplina e uma rotina de muita reunião, para reunir o pessoal usava um apito para chamar na hora de reuni” e outra entrevistada ainda diz que “apesar das dificuldades foi uma época boa no acampamento pois era todo mundo unido e partilhava das, mesmas dores e alegrias” (SOUZA, 2015, p. 58).

Eu comia o que o povo doava. Tudo era repartido entre todos. A gente era feliz no acampamento por que tinha a esperança de ter a terra da gente, parar de viver correndo de uma fazenda para outra (SOUZA, 2015, p. 103).

O acampamento era uma verdadeira comunidade. Todas as pessoas eram unidas e todos estavam lutando junto para ocupar a terra e iniciarem uma nova vida (SOUZA, 2015, p. 105).

/

Passando a fase do acampamento, vieram todos os desafios do início do Assentamento, também relatados no trabalho de Souza (2015).

No caso específico do Hebert de Souza, os lotes recebidos foram uma leira do cerrado sem benfeitoria cuja as árvores oferecem espaço vantajoso para montar barracas de plástico até a liberação de verba pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA para se iniciar a construção de uma casa e trabalhar na terra. A liberação demora de um a dois anos para chegar às mãos dos assentados. Para sobreviver na formação do assentamento, as mulheres foram trabalhar na cidade e os maridos, roçar pastos para fazendeiros da região. Com o dinheiro ganho compravam comida e materiais para começar a explorar a terra (SOUZA, 2015, p. 106).

Souza (2015) utiliza trechos de entrevistas em sua pesquisa, sendo suas entrevistadas mulheres moradoras do Assentamento Hebert de Souza desde sua formação. A autora destaca uma fala das entrevistadas, que diz que: “No início do Assentamento, tudo era muito difícil, tudo era muito nublado, tudo era incerto, e cada um passa a ter a sua própria luta para poder sobreviver” (p. 106). Outra entrevistada na pesquisa afirma que “No ano 1996, os lotes foram distribuídos [...], o lote estava dentro do mato feio, entrei pro mato adentro e montei minha barraca de plástico preto, morando na barraca durante cinco anos, trabalhando a terra dentro do possível, com a enxada”. Outra entrevistada relata com mais detalhes os enfrentamentos que se passavam no dia a dia nesse período.

Para sobrevivermos, meu marido roçava pasto para os outros, fazia



cerca, arrumava casa e terreno de outras pessoas que podiam pagar. Com o dinheiro que ele ganhava, comprávamos comida e também cozinhávamos milho seco, enxugava no sol, punha no pilão, socava, coava, tirava o fubá, torrava e alimentava os filhos pequenos. A quirela era cozida para os maiores. Todo dia ganhávamos um copo de leite do vizinho e dava para as crianças. Logo meu marido foi para cidade trabalhar e eu fiquei no lote com os meninos enfrentando a vida (SOUZA, 2015, p. 106).

Na transição do acampamento para Assentamento, muitos problemas físicos e financeiros permaneceram. As relações e os modos de vida se modificaram, distanciando os sujeitos da unidade, da cooperação e do pertencimento ao grupo nos processos de luta por direitos e permanência na terra. Souza (2015) salienta essa mudança pelo discurso de uma assentada.

No acampamento, todo mundo queria terra, todos tinham um só objetivo, então todos era unido. Depois que recebemos o lote no assentamento, cada um ficou com o seu lote, cada um passou a viver por si mesmo, surgindo à desunião (SOUZA, 2015, p. 107).

Sobre essa transição, Souza (2015) afirma que “o cotidiano das mulheres tem dois períodos: o tempo do acampamento – da ‘provisoriedade do barraco’, momento em que abriam portas de participação social – e o tempo do Assentamento – da ‘centralidade da casa’, quando se estruturam os lotes individuais e fecham-se as portas para atuações associativas” (p. 103). A autora exemplifica com mais uma fala de uma colaboradora da pesquisa:

A vida no acampamento era ficar dentro da lona preta. No assentamento, a vida é lutar dia e noite, plantando e cuidando da criação. No assentamento, todo mundo tem que fazer no seu lote e produzir, não existindo mais união entre as pessoas (SOUZA, 2015, p. 107).

Hoje a luta continua, mas não pela terra em si, mas por direitos básicos, pela permanência na terra e pela emancipação desses sujeitos. Não mais unidos como antes, mas caminhando no mesmo sentido, buscando resistir aos conflitos internos e externos. Muitos desistem e vão embora para tentar a vida na cidade; outros ainda resistem e sonham com a transformação e melhoria da nossa comunidade.

Além disso, Souza (2015), mediante as falas das mulheres, identifica

problemas, como: a ausência de políticas públicas, falta de incentivo governamental, assistência técnica, incentivo a práticas sustentáveis e de preservação, de capacitação e práticas que desenvolvam a união e o trabalho em grupo. E atividades que traga tanto estrutura física e financeira, quanto condições sociais de relacionamento, assim proporcionar real qualidade de vida dentro do Assentamento. A autora, com base em Menegat (2009), diz que “os Assentamentos não estão isentos de problemas, dificuldades e conflitos, seja pela produção, pela divisão de espaço ou no sentido de pertencimento que as pessoas constroem” (SOUZA, 2015, p. 104).

Cada um tem seu lote. Reunimos muito, mas não existe nenhuma resolução para trabalhar em conjunto. Cada um está olhando para a sua terra. Não existe sabedoria para trabalhar com a terra em conjunto. Não sabemos por onde iniciar (SOUZA, 2015, p. 109).

O maior problema no assentamento, não existem projetos ou fábricas comunitárias orientadas pelo governo para manter as mulheres, homens, filhos e filhas aqui no assentamento. A gente não fica sabendo a melhor maneira de produzir as coisas, falta informação, não existe aqui pessoa bem informada para ajudar a gente (SOUZA, 2015, p. 109).

No Assentamento Hebert de Souza encontramos um leque de problemas que vão para além do financeiro, mas que englobam uma série de fatores extremamente relevantes para a subsistência, a organização e a estruturação do assentamento. Se enfrentados, pode-se diminuir a desigualdade e garantir uma vida digna a esses sujeitos. Algumas falas reforçam esses problemas, que atesto e experiencio cotidianamente.

O maior problema aqui no assentamento é falta de união. Aqui é cada um por si, e quando você não tem recurso financeiro ninguém te cumprimenta (SOUZA, 2015, p. 109).

Não sei o que é ecologia, mas quando limpou o terreno, cortando algumas árvores, o governo mandou uma multa, sendo que a multa é muito cara, a multa gira em torno de um salário-mínimo por hectares desmatado (SOUZA, 2015, p. 110).

Não sei quais os problemas do assentamento, ninguém vem aqui, e eu não vou à casa de ninguém. Acordo todos os dias as seis horas da manhã e vou dormir as dez da noite, mas antes vou assistir à

novela das nove (SOUZA, 2015, p. 110).

Diante dessas falas, Souza (2015) parte do pressuposto de que existem práticas que podem diminuir de forma significativa os conflitos presentes nas relações, que sejam determinantes no modo de vida das pessoas.

O desafio maior para construir uma sociedade mais fraterna e justa no assentamento passa, necessariamente, pela busca de convivência entre os ditos contrários, de modo que, onde houver monólogos, que se estabeleça diálogos como forma de inventar práticas aptas a romper com dualismos, antagonismos e separações de classe (BARCELOS, 2005 apud SOUZA, 2015, p. 106).

A vida no acampamento era simples, quase “miserável” em termos de estrutura, vivíamos de doações, de pequenas hortas e do que se caçava e pescava, em barracos de lona, a luz de velas, lampiões ou lamparinas, com jirau de pau para guardar utensílios e mantimentos, sem nenhum conforto ou mordomia, mas, por outro lado, tínhamos união, tudo era feito em conjunto, era tudo repartido, tinha acolhimento e solidariedade uns com os outros. Os barracos eram tão próximos que conversávamos sem sair de dentro: bastava um chamado e todos se reuniam para resolver algum assunto, e nos gostávamos de viver assim, pois tínhamos um sonho, um objetivo em comum. Aos finais de semana eu, junto com os primos, minha mãe e irmão descíamos para o córrego pescar e tomar banho, não tinha pressa, nem preocupação com o tempo e afazeres e quando chegava à noite matávamos o tempo jogando dominó ou baralho. Eu era criança ainda, mas me lembro que nem tudo eram flores, tinham conflitos, problemas, mas, tudo era resolvido com muito diálogo, pois ninguém queria correr o risco de perder a oportunidade de lutar pelo sonho de ter um pedaço de terra. Todos sabiam que, se não conseguissem a terra na unidade, sozinho não conseguia mesmo.

### **2.3 O Projeto de Assentamento Hebert de Souza: o contexto da pesquisa**

O contexto da pesquisa, a comunidade onde viva, é um Assentamento de Reforma Agrária localizado no Noroeste de Minas Gerais, município de Paracatu, onde resido há 21 anos. São 88 famílias que moram e desenvolvem suas atividades

agropecuárias, como criar animais, galinhas e porcos; lidar com gado, plantar frutas e hortaliças e demais grãos como milho e feijão; fazer limpeza do terreno e a manutenção de todas essas atividades e da estrutura construída.

Sendo a quarta ocupação no município, a comunidade foi formada através de muita luta, na fazenda Conceição conhecida como Barreirinho, uma propriedade com quase 10 mil hectares, que na época já tinha sido dividida entre os herdeiros<sup>9</sup>. Um grupo de pessoas, em parceria com o Sindicato, se articulou para acampar, certificando-se previamente de que a fazenda estava ociosa para poder avançar na ocupação.

O Projeto de Assentamento Hebert de Souza é resultado de uma união de trabalhadores de diferentes profissões, porém quase todas ligada à terra, vindo de diversas localidades do município e até de outras cidades próximas. Com localização na região da fazenda Conceição, na Rodovia MG 188 sentido Paracatu x Unaí, Noroeste mineiro, ocupa uma área total de aproximadamente 3.288 hectares, com 88 famílias assentadas e cerca de 380 habitantes.

Segundo Silveira (2016), o Assentamento foi formado por trabalhadores rurais arrendatários, meeiros, pescadores, assalariados safristas e temporários, permanecendo com as mesmas características nos dias atuais, porém, com uma postura superficialmente urbanizada, sem perder as qualidades de trabalhadores rurais, que veem as práticas do campo como perspectivas de vida.

Alguns assentados, além de prestarem serviços uns aos outros nas parcelas (lotes), ainda trabalham de forma autônoma e se dedicam à produção em pequena escala, na maioria das vezes para o consumo próprio, de frutas e verduras, frangos, ovos, suínos, feijão, milho, mandioca. Ganha destaque a criação de gado e a produção de leite com o objetivo de comercializar na Cooperativa do Vale do Paracatu (COOPERVAP)<sup>10</sup>. A partir dessas atividades e produtividades, alguns assentados conseguem sobreviver. Já outros se dedicam à plantação de hortaliças e complementam sua renda com o programa Bolsa Família, do Governo Federal.

<sup>9</sup> Herdeiros: A sucessão hereditária consiste na transferência de bens deixados por uma pessoa que já faleceu aos seus sucessores. Os sucessores são os herdeiros previstos em lei ou em testamentos, sendo que o código civil brasileiro somente admite pessoa física ou jurídica como herdeira, ou seja, animais não podem herdar por testamento, pessoa que herda. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/herdeiro/>>. Acesso em: 8 abr. 2019

Com o processo de produção de leite, o perfil dos agricultores começou a mudar, pois os assentados sofrem grande influência do incentivo produtivo da COOPERVAP, que procura facilitar a logística de entrega do leite e prestar assistência ao produtor.

Silveira (2016) afirma que o Projeto de Assentamento Hebert de Souza mantém uma produção de 1.193.720 litros de leite por ano. Verifica-se ainda que o leite comercializado é depositado em tanques de resfriamento localizados em pontos estratégicos no assentamento, que são utilizados de forma individual ou coletiva dependendo da forma de aquisição/instalação, e o recolhimento pela cooperativa é feito de dois em dois dias.

Percebe-se uma mudança estrutural na vivência dos agricultores com os demais membros da cooperativa, já que se tratam de sócios com um perfil patronal de grandes produtores rurais, o que contrapõe ao perfil da agricultura familiar, que é composta por pequenas propriedades, que produzem em pequenas quantidades e variados tipos de alimento em um mesmo terreno, a chamada policultura. No entanto percebe-se que os assentados vivem e se relacionam com os demais membros da cooperativa sem fortes conflitos de ideias, mais que isso, seguem e concordam com a política imposta pela instituição.

Altafin (2007, p. 3) conceitua produção camponesa como “aquela em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, podendo produzir tanto para sua subsistência como para o mercado”. Plantam para o consumo próprio e para a venda de parte da produção, usando apenas a mão de obra familiar para plantio, organização e comercialização desses produtos, utilizando conhecimentos próprios e até artesanais para conciliar com suas atividades cotidianas.

No entanto, hoje, apesar de ser da agricultura familiar e de ainda manter a mão de obra familiar, vejo que a maioria no Assentamento concentra-se na renda do leite, tornando-se “autônomo” economicamente, mas subordinados à cooperativa que impõe a maneira de produzir, mantendo todos alinhados de acordo com as

10 Fundada no ano de 1963 por um grupo de produtores rurais do município de Paracatu, a COOPERVAP é uma cooperativa genuinamente Paracatuense e se tornou uma das maiores potências da região Noroeste. Hoje, o quadro social é formado por 2 mil associados e emprega 500 funcionários diretos. Disponível em: <[www.coopervap.com.br](http://www.coopervap.com.br)>. Acesso em: 18 jul. 2019.

exigências da própria instituição e do mercado. A cooperativa detém maior parte dos lucros do leite, oferecendo bens e serviços aos associados, para descontar no salário do leite, muitas vezes para melhorar e manter estruturas, assim aumentar a quantidade e qualidade do produto. Muitos comprometem quase toda a sua renda e passam meses e até anos pagando prestações, obrigando o produtor a continuar dependendo da instituição, se tornando um ciclo sem fim. Esses produtores acabam deixando as outras culturas de lado e se dedicando exclusivamente ao leite, trabalhando no individualismo, cada um se esforçando para melhorar mais sua produção de leite no seu lote, de maneira a ganhar mais dinheiro e se dedicando menos as atividades em grupo e de interesses em comum de todos da comunidade.

## **CAPÍTULO 3. REFERENCIAL TEÓRICO-METOLÓGICO: A HISTÓRIA ORAL**

### **3.1 História Oral e História Oral em Educação Matemática**

A História Oral é uma metodologia de pesquisa qualitativa que, segundo Cappelle, Borges e Miranda (2010), visa registrar o testemunho de pessoas que experienciaram acontecimentos, conjunturas e modos de vida. É uma metodologia na qual a entrevista, principalmente a entrevista gravada ou filmada, é de essencial importância em virtude de alicerçar o aparato material para realizar reflexões que não são possíveis, muitas vezes, a partir da documentação escrita. A História Oral se tornou um instrumento de pesquisa que considera o sujeito como produtor de relatos de vida, criando fontes históricas a partir da oralidade. Sendo assim:

É um instrumento privilegiado por recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas, trabalhando com o testemunho oral de indivíduos ligados por traços comuns. Como consequência, a história oral produz fontes de consulta para estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, momentos, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram. A utilização da história oral fornece novas perspectivas para a pesquisa social aplicada porque possibilita conhecer diferentes versões e interpretações sobre determinado tema. Nesse caso, o trabalho investigativo leva em conta as trajetórias individuais, eventos ou processos. Os testemunhos são as fontes orais que permitem o resgate do indivíduo como sujeito no processo histórico e constituem-se como documentos gerados no momento da entrevista, legítimos tanto pelo seu valor informativo quanto pelo seu valor simbólico. É, portanto, uma técnica ou método que permite acessar instâncias mais subjetivas dos informantes (CAPPELLE; BORGES; MIRANDA, 2010, p. 2).

Em Garnica e Souza (2012), a História Oral é um recurso moderno que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial, com a invenção do gravador portátil, e desde então se expandiu com a ajuda dos avanços tecnológicos. Foi adotado por estudiosos de diversas áreas de conhecimento, como historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos pedagogos e outros.

Esse recurso no campo da pesquisa permite a valorização e a legitimação de

outras versões da história, contadas por sujeitos em distintas posições. Muitas vezes, o contexto social dos agentes narrando determinada situação fazem com que os seus relatos sejam suprimidos e, por isso, essa metodologia passa a considerar grupos específicos, geralmente marginalizados. Assim, o meio acadêmico passou a ser adepto da História Oral, tornando o seu uso comum nas Ciências Humanas e, também, no campo da Educação Matemática.

A História Oral na Educação Matemática, segundo Garnica e Souza (2012), visa desenvolver pesquisas que permitem a criação intencional de fontes históricas a partir da oralidade, dando ênfase à própria área, explorando pontos e conceitos matemáticos simultaneamente a seus contextos históricos, como tradições, crenças e costumes de uma determinada época. Na Educação Matemática, a História Oral nos permite registrar e descrever lembranças, movimentos, processos, práticas e modos de vida, no passado ou na atualidade, de determinados indivíduos ou grupos sociais, envolvendo suas vivências com a matemática a partir de uma narração (estando explícitas ou não para aqueles indivíduos) e tornando-os participantes dos registros da própria história.

Nesta pesquisa, a História Oral foi adotada com intuito de discutir questões sociais no âmbito de um assentamento de reforma agrária em torno de práticas que envolvem a matemática e que foram ou são presentes nos modos de vida dos sujeitos dessa comunidade. A finalidade é escutar e dar visibilidade e importância a processos de luta de povos “esquecidos” pela sociedade, para que se sintam representados, identificando-se cada vez mais com os movimentos organizados e reafirmando a identidade camponesa.

Eleger a História Oral como metodologia para esta pesquisa é um modo especial de afirmar memórias e registrar características relevantes dos sujeitos e da comunidade, de maneira a conservar marcas e compreender os processos que se constituíram até o momento. Além disso, essa metodologia me permite participar ativamente da pesquisa, estabelecendo um vínculo de confiança e credibilidade, e possibilitando que o entrevistado mostre suas emoções e sentimentos, tornando o ato de entrevistar menos técnico e mais humano. Devo ressaltar que utilizar a História Oral me fez mergulhar e apropriar na pesquisa em questão, foi um trabalho árduo, foram dias e até parte de noites transcrevendo e textualizando os áudios que



gravei nas entrevistas com meus colaboradores, mas me encantou cada detalhe, enxerguei o tamanho e a importância de um projeto como esse na transformação de vidas, incluindo a minha.

### **3.2 O contato com os colaboradores**

A escolha dos colaboradores desta pesquisa deve-se por sua experiência nos processos de luta e por sua trajetória em questões técnicas e sociais da lida com a terra. São testemunhas de acontecimentos relacionados com a organização, a ocupação, a evolução e a efetivação do Assentamento, sendo atuantes do início até os dias de hoje.

O contato com os colaboradores aconteceu em uma reunião da associação do assentamento Hebert de Souza, na sede da comunidade, onde se realiza as assembleias e reuniões para tratar dos assuntos de interesse da comunidade, assim que fiz a escolha dos colaboradores. Procurei cada um deles e perguntei se poderiam participar de uma pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Todos se dispuseram imediatamente, ficando acordado que realizaria uma visita à casa de cada um para a realização de uma entrevista. Os colaboradores são Dirceu Oliveira da Silva, 70 anos, Damiron Rodrigues da Silveira, 49 anos, e Maria Abadia Pereira Gama, 64 anos.

Dirceu Oliveira da Silva, 70 anos, lote 09, é viúvo e residente no Assentamento Hebert de Souza desde a sua fundação. Agricultor, pescador e pecuarista, defende e reforça a importância dos movimentos sociais e gosta de estar nos momentos coletivos. Apesar de expor, às vezes, opiniões polêmicas nos assuntos da associação, sempre que surge uma demanda se prontifica a ajudar no primeiro instante. Pessoa muito hospitaleira, me recebeu em sua casa com muito carinho. Foi uma hora e meia de uma boa conversa em que ele me contou com muita naturalidade sobre as idas e vindas da sua vida e trajetória no meio rural. Senti que ele estava à vontade. Em meio as pausas da conversa, me oferecia um cafezinho. Fiquei surpreendida quando ele me disse que tinha um pedacinho de terra de boa qualidade antes de ir para o acampamento, mas que por dificuldade de acesso à escola, preferiu vendê-lo a deixar a esposa com o filho na cidade. Ainda

disse não concordar com uma criança ter que levantar as quatro horas da manhã para ir à escola, e mostrou-se preocupado com as crianças e jovens e com as políticas públicas na área educacional.

Damiron Rodrigues da Silveira, 49 anos, lote 22, é um dos líderes no processo de formação do assentamento. Agricultor e professor, é membro da associação. Formado como técnico agropecuária e graduado em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal de Minas Gerais, sempre esteve à frente de questões relacionadas à associação e à educação, em especial à Educação do Campo. Como militante, está sempre envolvido na luta por direitos e políticas públicas, sendo pessoa de fundamental importância no processo de ocupação e permanência no acampamento. Levando em consideração toda evolução do assentamento, devo salientar que a maioria das conquistas e avanços de nossa comunidade teve a contribuição dele. Como combinado, fui visitá-lo, mas ele não estava. Entrei em contato através de rede social e marquei um novo encontro, e mais uma vez fui até a sua casa. No dia fui bem recebida e começamos a conversar. Senti que ele ficou orgulhoso ao saber que eu o escolhi como sujeito de pesquisa.

Penso que ele se sentiu valorizado, que sua pessoa como ativista estava sendo reconhecida, já que ele acha que a comunidade não o considera um ator do processo que resultou na criação do assentamento. Fiquei admirada quando ele relatou sobre momentos de luta passados. Manteve-se bastante emotivo, mostrando que aqueles momentos ficaram marcados de tal maneira que toda vez que ele conta, chora e ficava repetindo: “tudo que tem aqui eu ajudei a construir”. Foi um momento de muita comoção de ambos os lados.

Maria Abadia Pereira Gama, 64 anos, lote 55, moradora do Assentamento Hebert de Souza. É casada, agricultora, dona de casa, mulher guerreira, sempre envolvida nas atividades do manejo da terra, sendo muitas dessas atividades de maneira artesanal. Também participou de todo o processo de formação do assentamento. É uma pessoa muito querida na comunidade pelo fato de gostar de ajudar os outros, estando presente nos momentos coletivos e tendo atenção aos assuntos da associação.

Fui visitá-la para nossa conversa, mas infelizmente, nessa ocasião, não foi

possível, pois ela estava com visitas. Combinei um dia e horário e fui até sua casa mais uma vez. Ela me recebeu com um belo sorriso e uma mesa de café da manhã. Sinto que ela ficou um pouco apreensiva com a nossa conversa, repetindo a frase: “não sei nem o que te falar, se não tiver certo depois ocê corta”. Então, ela esqueceu um pouco o gravador e começou a contar a sua trajetória. Foi muito boa aquela experiência, pois vi nas expressões dela a satisfação de participar da pesquisa e de poder contribuir de alguma forma com o meu trabalho. Fiquei maravilhada quando ela contou que assim que ela desceu do caminhão no lugar do acampamento, sentiu como se aquele lugar já fosse dela, já se sentiu tomando posse daquele lugar. Segundo ela, não passava pela sua cabeça nenhum momento em que aquele movimento não daria certo. Reforçou o quanto aquele pedaço de terra é importante em sua vida e fez uma comparação: “eu sem essa roça e sem esse trabalho aqui diariamente, sou igual a uma planta que não molha, a terra seca, ela murcha e morre, não consigo me ver em nenhum outro lugar que não seja aqui”.

### **3.3 Procedimentos Metodológicos**

Segundo Garnica e Souza (2012), a metodologia da História Oral está inscrita numa perspectiva qualitativa, porque busca valorizar o ponto de vista assumido pelos sujeitos através de suas narrativas. Os sujeitos que participam desta investigação foram escolhidos a partir de seu envolvimento com a história do Assentamento Hebert de Souza, sendo atuantes desde a sua criação. Identifiquei três moradores da comunidade que poderiam participar desta pesquisa, porque eu já conhecia seu envolvimento com o Assentamento.

Estabeleci contato com os participantes da pesquisa. Em seguida Segundo Garnica e Souza (2012, p. 101), “Entrevistas são diálogos acerca de algo (objeto de pesquisa) e são tanto mais ricas quanto mais ocorrerem num clima de cumplicidade entre o entrevistador e o entrevistado”. A entrevista nessa metodologia tem como intenção o contato direto do pesquisador e o pesquisado, precisando, portanto, tomar cuidado no ato da entrevista para que o entrevistado/a se sinta confortável para relatar, já que geralmente eles vão contar memórias e particularidades da vida.

O depoente organiza lembranças, ideias, expõe pontos de vista. No decorrer da entrevista, conforme a sensibilidade e a habilidade do entrevistador, a conversa pode adquirir um caráter informal e desinibido, levando o depoente a discorrer de modo mais livre. Nessas nuances da linguagem pode está o objeto de análise do pesquisador, pois um depoimento, além de dados, manifesta as cercanias de um discurso que não só reconstitui o que está sendo narrado, mas é, ele próprio, instância de constituição de situações e sujeitos [...] (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 103).

É recomendado que o pesquisador tenha certo domínio do assunto, que passe confiança à pessoa entrevistada e que a dê liberdade para contar, sem interromper a narração ou se preocupar com o tempo. Assim, com um celular no modo gravador e utilizando um roteiro, foram realizadas as entrevistas. Os momentos de entrevista foram descontraídos e acredito que os colaboradores ficaram à vontade com o gravador. A gravação teve boa qualidade e sem nenhuma interferência.

Após essa etapa, foi necessário realizar a transcrição das gravações, que é um processo demorado e que requer muito cuidado, pois é importante preservar não só as informações, mas também as marcas da oralidade. Para Garnica e Souza (2012), “A degravação (ou transcrição) é uma alteração do suporte da entrevista (seja ele magnético ou digital) para o papel, a fixação do diálogo por meio de caracteres gráficos”.

O momento seguinte é a textualização, no qual se faz uma “limpeza” no texto já escrito, eliminando excessos de marcas da oralidade de modo a facilitar a leitura e organizando as informações de acordo com a intencionalidade do pesquisador. Nesse processo, o pesquisador faz um tratamento do texto escrito de acordo com o tema que se deseja discutir, mas sem perder de vista o modo de narrar próprio do entrevistado, já que ele precisa se reconhecer como autor daquele texto. É sobre a textualização que nos debruçamos, construindo compreensões sobre o tema pesquisado. As textualizações são as fontes históricas e, por isso, optei manter seus nomes verdadeiros e as gravações autorizadas.

## CAPÍTULO 4. AS TEXTUALIZAÇÕES

### 4.1 Dirceu Oliveira Da Silva

Eu nasci em Garças, município de Guatama. Aos nove anos mudei para Belo Horizonte, aí aos onze saí de Belo Horizonte, pulando de gaio em gaio, rodando o mundo. Saí de Belo Horizonte e vim em Itaipu; em Itaipu voltei a Araxá; de Araxá vim a Patrocínio; Patrocínio, Coromandel, Guarda-mor. Quando cheguei aqui, em Paracatu, eu tava com quinze anos, fiquei conhecendo aqui, não conhecia aqui não. Aos dezesseis voltei para Belo Horizonte, fiquei lá, trabalhei. Quando fiz dezoito anos voltei pra cá. Aos vinte voltei pra lá e fiquei indo e vindo até que arrumei a Conceição [esposa], finada Conceição. Nós viemos para cá, trabalhamos no Fundão, trabalhamos na fazenda do finado Joaquim Garcia, voltamos para Belo Horizonte de novo, voltei. Compramos uma casa no Paracatuzinho e dei em troca de um terreno, um pedacinho de terra no Brocotó, onde não tinha escola pro Otaviano [filho]. A Conceição tinha que sair de casa com ele dez horas de cavalo. Chegava lá, ela amarrava o cavalo e ficava esperando ele sair da escola quatro horas da tarde. Ela ficava no mato esperando ele, e aí surgiu esse negócio do sem-terra.

Quando eu era criança nós vivia na roça. Oito ano, nove, nós vivia na roça. Era na lavoura, era com o pai tocando lavoura. Aí fui pra Belo Horizonte. Ele foi tratar, morreu, foi com cinquenta e tantos, antes do sessenta ele morreu. Aí eu comecei... Brigava demais, brigava e saia andando no mundo, não tinha pai. Produzia milho, arroz e feijão, porque na época, até os ano 71, ainda dava muito feijão, então a gente produzia feijão... arroz, milho e feijão e aí eu fui vivendo a vida. Vivia aqui dois ano, vivia em Belo Horizonte dois ano, arrumei várias profissão de metalúrgico. Trabalhei em várias firma metalúrgica, mas nunca gostei de cidade. Então eu ia pra Belo Horizonte, fazia curso... Já fiz curso na escola técnica federal. Fiz curso de soldador pra ter uma profissão, porque lá, se você não ganhar dinheiro, você passa fome. Mas só que num adiantava: eu arrumava serviço, bão serviço como montador, como soldador, mas vinha pra cá. E foi assim até arrumar a Conceição. Eu sempre morei por aqui sozinho, né? Aí depois que eu arrumei a

Conceição a gente estabilizô aqui.

Eu tô aqui desde 86, em Paracatu. Eu vim quase na época do garimpo. Eu montei uma oficina no Paracatuzinho e de lá eu fui pro Brocotó, tocar roça também. Lá eu plantei roça e de lá eu vim praqui. Era tudo manual, porque nós não tinha condição, nós num tinha máquina, num tinha nada. Era tudo na enxada, no enxadão, na matraca. Mas é bão: eu gosto da roça, eu gosto de sofrer. Quase toda vida eu comercializei. Na época que eu plantava feijão, eu comercializava porque eu colhia muito, mas milho e arroz geralmente eu não comercializo. Quando eu colhia muito milho eu alimentava a criação de galinha e porco, porque ao invés de vender o milho, eu vendia galinha, frango e o porco. Lavrador é assim: um ano ele produz, dois não. O ano que eu não produzia, eu resumia, diminuía e fui vivendo assim até aqui. Primeiro ano eu plantei muito arroz, produzi bastante rapadura. Rapadura eu tinha que vender, né? Mas o arroz que produzia eu guardei, e fui comendo ele. Plantei só um ano também porque é muito trabalhoso, a gente tem que ter máquina pra fazer as coisas. Tudo no braço? Hoje num do conta... Hoje mexo com isso mais não.

Acontece que é o seguinte: antes do acampamento no Quinze de Novembro eles fizeram um acampamento lá na beira do rio Escurim, eu fiquei sabendo desse acampamento lá no Escurim, que era lá perto de mim, lá no Brocotó. Era só dobrar a serra e saía lá onde eles tava acampado. Pro lado do Morro Agudo, perto do rio Escuro. E aí lá, como a fazenda era produtiva, eles saíram. Aí eu fiquei sabendo do acampamento. Tinha vários amigos do Paracatuzinho que tava lá, inclusive tinha um amigo meu. A fazenda que eles invadiu, o Alis tinha roça lá, foi ele que me contou que eles invadiu. Aí ele acampou com eles e, pra vigiar a roça, pra ninguém mexer, eles saíram de lá e eu fiquei ligado naquilo. Eles foram pro Quinze de Novembro e tinha muitos conhecidos do Paracatuzinho. Eu sempre vivi no Paracatuzinho, conhecia quase todo mundo. Aí peguei, fui no sindicato, sindicalizei, e fui pra lá. Fiquei lá até na época de saí aqui [a terra], porque como eu queria era mexer com plantação, eu pensava que ia ter a sorte de sair no terreno, numa terra um pouco melhor que essa minha, porque a minha, pra mim produzir, eu tenho que gastar e eu não tenho condição de gastar. Então não tenho como produzir, é fraco meu terreno.

No dia que saiu aqui eu chamei ela pra ir embora e ela não quis, porque lá

[nas terras do Brocotó] é cultura de primeira, você planta e sai pro abraço. Lá ela tinha que sair dez, onze horas de casa. Ele entrava na escola, ela marrava a eguá no pau e ficava lá no meio do mato, esperando ele sair da escola quatro horas pra trazer ele pra casa. Isso num é vida. Aí, quando saiu aqui, eu falei com ela: “muié, vamo embora, esse aqui é ruim. Lá a gente planta e sai pro abraço, porque não precisa de adubo nem de nada, lá cultura mesmo, todo o terreno”. Ela pegô e falou: “Dirceu, lá eu não vivo, eu vegeto. Aquele negócio de ficar no mato esperando Otaviano a gente sofre demais. É pernilongo, é mosquito... Num descanso não! Canso demais”. Gastava uma hora indo e vindo de cavalo, era melhor esperar porque senão ela tinha que gastar duas horas de manhã e duas de tarde. Ela ficava no meio da estrada, entendeu? Porque ela chegava, ele entrava pra escola onze horas, aí ela voltava, ia chegar em casa meio dia, quando fosse duas horas ela tinha que tá saindo pra buscar ele de novo. Além de cansar demais o animal. Ela resolvia ficar no meio do mato, então por isso eu resolvi ficar aqui. No fim, tive que dá lá, até dado pra num brigar. Acabei vendendo lá na época por três mil. Foi a conta de comprar um desintegrador que eu tenho, uma motosserra véia e pronto e cabo. E tô aqui até hoje lutando com muita dificuldade.

No começo aqui, você sabe como foi difícil, né? Não tinha serviço, não tinha nada, não produzia nada, como até hoje pra produzir dá problema. Cheguei no acampamento eu procurei, ele até morreu, o finado Tucano. Eu já conhecia o Juarez. Fiquei no barraco deles até eu fazer o meu. Aí conversei com eles sobre onde eu podia fazer meu barraco. Fiz meu barraco perto de onde hoje é a Associação, e dei sorte que lá eu consegui trabaiá numa fazenda, que é dos Goiano, pra sustentar minha família no Brocotó, porque eu vim sozinho. Eu tinha muita galinha, cachorro e animal, então num tinha como eu trazer isso, me acompanhar.

Por que o que que acontece? Lá no Quinze de Novembro era mais um ponto de apoio. Desde o começo que eu fui pra lá, que eu conversei com a liderança, eles pegou e falou: “ocê já tá no excesso, no dia que uma turma vai sair, ou ocê sai, ou ocê fica”. Eu não agradei muito do Quinze de Novembro, já tinha a intenção mesmo de não ficar lá, já esperando para sair pra qualquer outro lugar, e quando saiu aqui, eu falei: “vou embora”. Aí foi que eu vim pra qui. Acontece o seguinte: eu era voluntário, que dava apoio, entendeu? Toda manifestação que tinha eu tava com o

grupo, unido com o grupo fazendo força. Não na frente, na Diretoria, membro do povão, sempre acompanhei as manifestação em Belo Horizonte, Brasília, mesmo aqui em Paracatu quando a gente tomou o Banco do Brasil pra poder sair uma verba que tava meio enrolada, um financiamento. Eu tava junto em todos os movimentos, porque eu queria a terra e se eu não me unisse, não participasse e não desse a minha força, poderia às vezes fracassar, não sair, né? Então tinha que todo mundo unir, dá força. O povão todo era o seguinte: quando nós estávamos acampados, como nós tínhamos uma diretoria, uma liderança dentro do acampamento, por exemplo, tinha até um livro de presença que o pessoal assinava, tinha gente pra organizar o assentamento pra não deixar bagunçar, pra não entrar pinga, entrar desrespeito, entendeu? Até porque tinha muita família e têm aqueles que bebe um tiquim... Então, pra não deixar ultrapassar, tinha essa organização, a liderança do acampamento. Era muito bem organizado nosso acampamento, nós fomos acampados lá no Quinze de Novembro, fomos acampados no Hebert de Souza, nosso acampamento nunca teve denuncia de nada, bagunça dentro do acampamento nunca teve, graças a Deus. Então era muito organizado nosso acampamento, todo mundo respeitava todo mundo.

E aí era o problema, né? Porque não tinha dinheiro, não tinha renda. Aqui, por exemplo, eu trouxe a mulher, o menino e minhas criação, porco, galinha, cachorro, cavalo. Trouxe tudo pra cá. Só tinha isso, gado num tinha ainda não. Trouxe tudo pro acampamento, fiz um ranchinho, chiqueiro. Aí no começo, o finado Chicão andou pegando gente aqui levando pra boa fria. Aí dava pra sustentar. Acabou a boia fria e não tinha mais isso. Pra sustentar minha família eu tirava mel, assim como eu crio abelha até hoje. Tirava mel pra vender, pescava, vendia peixe, pra sustentar a família era assim, extrativismo. E no acampamento tinha também o moxerifado, quando nós era acampado tinha o moxerifado que ajudava muito. É onde tinha as doações. Então no moxerifado você pegava o arroz, o feijão, o óleo, mais as misturas e outras coisas. Já não aparecia, você tinha que comprar. Na época eu fumava e a Conceição também fumava, entendeu? Tinha uns extra da casa, que nunca você fica só com alimentação. Então esse aí eu fazia com mel, peixe, minha vida era essa, o envolvimento dentro do acampamento era fraco. A gente tinha de tarde, às vezes, união, amizade, reunia conversando, jogando truque [truco]. Eu até



ficava pouco porque eu ficava mais era na beira do rio pescando. Tinha esses movimentos lá. De noite, por exemplo, quase toda noite, tinha algumas barracas, tinha alguns lá que fez barraca grande de plástico e de noite tinha as banca de jogo pra gente advertir [se divertir], passar o tempo lá, entendeu? Era bom o acampamento, não era abandonado, era uma coisa sadia nessa parte.

Mas mudou. Mudou o pessoal da época do acampamento. Era tudo unido e hoje tamos todos desunidos, entendeu? Hoje nós somos estranhos uns pros outros. Aqui no acampamento, por exemplo, têm três casas que eu passeio nelas, da Marta, da Eliene, e da Valeria. É as três casa que eu vô. Num é porque eu sou inimigo dos outros, entendeu? É porque a gente tem mais afinidade e sente mais bem nessas casa. Mas graças a Deus tenho uma boa relação com todo mundo.

Acontece é o seguinte: no começo eu quis até ajudar. Eu queria que o assentamento nosso crescia, eu queria que ele crescia e briguei pra ele crescer. Ocê sabe que no começo o pessoal tirava palha de graça, ninguém pagava, foi sete anos tirando de graça. Foi eu quem briguei pra eles pagar.

Veio um pessoal de Brasília e me ofereceu um trabalho na Assembleia Legislativa e outro trabalho em Furnas, fiquei conhecendo. Pegou e falou: “se você fizer, começar uma quadra de areia, e fizer um projeto e pô na nossa mão, nós às vezes traz uma quadra coberta pra cá”. E o que que eu queria? Porque a juventude daqui sai toda vazada, aqui não tem lazer pra eles, aí eu briguei com esse povo da palha pra eles passar a pagar a palha. Aí eles passaram a pagar, e compra a palha até hoje. Foi briga minha, pra fazer essa quadra de areia, mas quando entrou um dinheirinho pra ter quadra de areia, alguém da associação começou um tititi por causa desse dinheiro. Eu abrir mão e hoje eu faço a minha parte na Associação, como associado. Se for fazer alguma coisa pra ela crescer eu num faço, porque quando você faz alguma coisa, você briga por alguma coisa hoje e ninguém te apoia pra associação crescer não. Parece que aqui o povo é contra o crescimento da Associação, porque se crescer a Associação, cresceu a população, melhorar pra todo mundo. Esse menino seu [meu filho], o que tem de esporte pra ele aqui de fazer? Nada. É igual eu falei com os caras: “gente, nós aqui faz uma quadra de basquete, uma quadra de areia, nós mais velho vem pra ca, nós faz um grupinho, aí vai jogar conversa fora, vem jogar truque, nós põe um chuveirão aqui, nós somos

associados, sócios da água, nós faz um chuveirão, nós faz umas peladinhos aí pra nós corre, é bom pra nós velho”. Aí não foi pra frente e eu desanimei também, larguei de mão. Porque o que acontece é o seguinte: eu penso, num sei, que meu projeto era bom, entendeu? Ninguém apoia, todo mundo só fez destruir. Teve cara que chegou mim: “uai, você vai vender a palha, eu vou tirar”. Eu disse: “não gente, quem vai tirar a palha pra fazer vassoura dentro do próprio assentamento, continua, eu tô cercando o cara de Catalão que tá pegando de graça todo ano, nós vamos pegar e tirar dele”. Não deu certo, eu peguei e abri mão.

Na época do acampamento todo mundo concordava, começou da roça comunitária. Foi a primeira roça comunitária que nós plantamos lá em baixo. Vamos plantar pra nós poder crescer. Todo mundo foi trabaiá, entendeu? No começo todo mundo pensava em trabaiá unido pra crescer o assentamento. O dia que saiu o seu lote, acabou, virou todo mundo individual. Não sei se você lembra: eu criei o grupo das dez família, era eu, era dez família, cada mês fazia um janta numa casa pra reunir as famílias, jogar conversa fora. Fiz o meu grupo de dez família: é Tonho, o Piriquito, sua mãe tava nesse grupo, inclusive fizemos uma janta na sua casa. E aí acontece que nós vamos fazer o grupo de dez pessoas, faz outros grupos por aí e no fim do ano nós faz uma confraternização de dois ou três grupo, uma festa na sede. Aí junta os dois ou os três grupos e fazemos a festa. Mas também não foi pra frente não. Depois a Ilma mesmo falou: “levanta o grupo de novo”. Eu falei: “não”. Ela falou: “levanta que vai dar certo”. Tornei levantar o grupo, fizemos uma janta na casa dela, outra na casa de senhor Luiz, parece que uma na casa de dona Teresa e uma aqui em casa, e acabou não fez mais também, o próximo já furou. Falei: “a aqui não tem jeito de fazer nada não”.

A união aqui você peleja pra unir o povo, porque seria o único jeito. O que acontece é que a gente precisa de um tempo pra unir e discutir pra arejar a cabeça, entendeu? A gente fica muito em família só dentro de casa. Oê não, Por que oê vai pra escola. Igual sua mãe, só vai no sindicato as vezes, ela estando dentro de casa, ela num tem como distrair, é igual eu, sou sozinho, as vezes vou lá na sua casa, vou lá pra Valeria, dia de domingo vou lá no Darilson tomar uma cervejinha e pronto é meu lazer.

A única história que gosto de contar é que na época que eu pescava, que

vinha meus companheiros, quase todos de Brasília, era a quantidade de peixe que pegava era só e pronto, muito peixe, hoje acabou não tem mais.

Quando saiu isso aqui, foi o seguinte, o primeiro agrimensor nós pagamos e entramos pra dentro do lote, ai depois o INCRA veio só conferiu. Quando é pra medir dentro do lote, eu meço no passo, meu passo da 80 centímetros, quer dizer é quase um metro, então é tudo mais ou menos igual. Quando saiu o primeiro financiamento de mandioca, a gente tinha que plantar duas hectares, aí medi no passo, depois veio uma fiscalização medir, foi Alisson irmão de Faustinho que veio com técnico medir, tinha passado uns metro pouco. Eu tenho trena, medir o passo na trena, andei vários passos e medi na trena, na poeira andei, devido eu ter trabalhado em metalúrgica, quando eu vim pra cá em já trouxe trena e de vinte metros, quando eu trabalhava em metalúrgica eu ajudei muito montar barracão de estrutura metálica, a gente usava a trena grande né? E ai eu tenho essa trena, e foi a trena que me ajudou a medir muitas coisas.

Até media a divisa, eu e sua mãe, por exemplo, media uma corda com essa trena, media quarenta metros na corda, passava a corda medindo para achar o centro do lote, e assim fazer a cerca da divisa, parece que deu certo, medi as duas cercas e nunca foi mudado, a cerca tá aí até hoje.

Acontece o seguinte, por exemplo, o peixe que eu vendia é por tanto, esse vale tanto, pronto era na confiança, era por tamanho e por espécie. O peixe na época era três reais o quilo, se alguém chegasse pedindo dez quilos de peixe, eu trazia a sacolinha com os peixes colocava aqui [mesa] e falava: “aqui tem mais de dez quilos é pegar ou largar”. É claro que ocê pegava eu sempre punha para mais, porque tinha fartura de peixe, qualquer tanto de dinheiro que entrava pra mi, na época era lucro, entendeu? Qualquer pessoa que chegasse eu fazia isso, tenho freguês até hoje. Para Divino Preto, até hoje e faço assim, se eu vendo um peixe ele pesa dois quilo e meio ou dois e oitocentos. Hoje eu tenho balança, esse negócio de duzentos, trezentos grama, não faço conta.

Tenho freguês que vem comprar peixe, ele compra vinte quilo de peixe, leva dez sacolinha, pra ganhar grana, ele diz: “vou levar pra fulano, pesa esse aqui” quando peso da um quilo e oitocentos, um quilo e meio, cinco quilo. O freguês pede, desse é tanto, ai vou pegando, no fim ele fala: “se fosse tudo meu eu tinha ganhado

uns três quilo do que passou, bão que você calcula sempre pra baixo e não pra cima”, sempre foi meu jeito de fazer, não conheço outras maneiras de medir e pesar.

Acho que não mudou, o que que acontece: hoje se eu for ali e abrir meia hectare de capim, num vou trazer um agrimensor, continuo medindo no passo, por que não compensa trazer um agrimensor pra medir, terei que medir na trena, na corda, no passo entendeu? Mais ou menos o cálculo.

Olha minha cuia, de tratar de galinha, tenho minha cuia até hoje, calculo que a cuia é três litros, bem cheinha é três litros, aquela cuia é de pegar fubá, pô pra cozinhar para os cachorro e jogar milho pra galinha de manhã cedo, tenho a outra, de levar sal pro gado, não mudou pra mim. Hoje por exemplo, ninguém usa isso mais, ninguém usa essas coisas de cabaça, passou todo mundo pro alumínio, plástico é comprado na cidade, entendeu?

Nos primeiros ano que nos plantou na comunitária, eu tenho uma carpideira puxada a cavalo e gradeamos cedo pra prantar roça, como gradeamos cedo o mato veio, o que acontece, resolveram partir os talhão, por que ia ter que passar enxada no terreno, eu peguei o meu cavalo, a carpideira, envés de passar a enxada, passava a carpideira, porque onde ocê trabalha com um cavalo e carpideira, gasta cinco homem pra fazer o serviço, o cavalo fez no dia entendeu? Muitos disse: “seu serviço rende mais por que ocê trabalha explorando o animal”, eu falei: “animal é pra isso”, só eu que tinha a carpideira no começo, tenho ela até hoje, mas tá abandonada, num mexo com nada mais não.

Quando eu era criança de sete ou oito anos, nós morava em Arcos, meu pai capinava roça era com cavalo, eu estudava na parte da tarde e minha irmã na parte da manhã, na época era cavalo, era boi, puxava o cavalo até a hora do almoço depois ia almoçar e ir pra escola. A minha irmã chegava e pegava meu lugar puxando o resto da tarde, entendeu? Meu pai tocava roça demais e não punha companheiro pra capinar, capinava tudinho na base da carpideira e boi, nós menino ajudava, era roça grande, a roça do meu pai dava mais de vinte hectares de lavoura. Tocava sozinho com nós, só arroz na época da colheita, ai ele punha um companheiro pra ajudar, mas o resto era só nós. Capinar, tudo era só nós e os bois, ai eu aprendi. Vim pra cá e trouxe essa metodologia comigo.

Quando eu era menino as medidas que eu via era o prato, a pessoa

comprava um prato de farinha, tinha umas lata de dois litro de óleo, de banha, e uma lata daquela era um prato, a pessoa: “eu quero um prato de farinha”, é dois litro de farinha. Isso mudou com o tempo, hoje ninguém utiliza mais não. Porque acontece o seguinte: essa metodologia era nossa na roça, era época do interior, era um Brasil mais atrasado, não era evoluído igual hoje.

Porque não existia balança. Meu pai vendia, por exemplo, um o saco de feijão, num era sessenta quilo, cinquenta quilo, era oitenta litro, entendeu? Então tinha as lata de vinte litro pra medir. O negócio era alqueire, um alqueire de arroz, de feijão, o alqueire cada lugar tem uma medida, na minha terra é oitenta litro, aqui em Paracatu ele é sessenta quilo. Aqui em Paracatu o alqueire vale um hectare, oitenta litro de feijão. Em casa nós já comeu nessa cuia de cabaça, quando ocê coloca uma coisa quente ela fica chiado.

O que acontece hoje o serviço que você vai fazer com um cavalo ou com boi pra arar uma terra, ocê faz com um trator e rende muito mais, entendeu? Parece que as coisas, não vale nada, ocê tem que fazer muito pra ganhar pouco, antigamente você fazia pouco e ganhava muito, entendeu? Você produzia menos e tinha mais, mais tranquilidade, vida boa, entendeu? Hoje você tem que produzir demais, por isso braçal não compensa mais, comprar fica mais barato do que ocê produzir, o arroz, milho entendeu? Ocê vai ter um risco grande do sol matar, plantar arroz, milho e não da.

Fui fazer a conta do adubo, gradagem, capina, colheita e ainda levar na cidade pra limpar comprar, fica mais barato, entendeu? Antigamente não, ocê tinha como plantar e compensava vender, ocê beneficiava no pilão, ainda tenho o pilão e gosto de pilão. Nesse pilão nós já limpou arroz, café, arroz que nois colheu aqui, primeiro ano eu colhi trinta saco de arroz aqui.

Vou te contar uma história: eu era menino, meu pai na roça resolveu plantar uma lavoura de batatinha, aquilo era um problema gente, eu tinha preguiça, por que tinha que ficar agachando pra coloca a batatinha na cova, ele pegava uma batatinha fazia quatro, cinco muda, aí cortava as mudinhas, ocê tinha que passar na cinza e coloca ela com a parte cortada no chão, eu com preguiça ia com peso do meu corpo e afundava ela todinha pra dentro da cova, a terra era muito fofa, era um brejo.

Foi o seguinte: na hora da colheita aquela que afundou mais, deu mais,

entendeu? Ele fez as covas, era eu e ele, tinha um rapaz que trabalhava com nós, nosso vizinho, teve que ajudar meu pai, ia fazendo as covas e ele e meu pai cortando, eu plantando, então vinha me ajudar, eu afundava e jogava só um tiquim de terra por cima, na hora da colheita o pai falou: “a preguiça do Dirceu”, eu era criança, eu com sete anos já acompanhava meu pai pro serviço, pescaria, com oito anos o que um homem faz na enxada, meu pai me dava enxada e mandava fazer.

Tinha que trabalhar como um homem antigamente, não tinha esse negócio de vagabundar não, vagabundava aos domingos, sábados, sou pescador desde de criança, no sábado nós pescava, sábado ele parava tudo juntava uma turma e ia pro rio pescar, no domingo nós ia pra Arcos vender peixe.

Nós trabalhava na meia com o padrinho Roque, até a batatinha era com Avelino Teixeira, era outra fazenda, cortava a batatinha para render, pegava a batatinha jogava no chão, jogava água e arrumava.

Meu pai era muito trabalhador, era aventureiro, entendeu? Ele pensava assim, isso vai dar lucro, vou plantar e plantava, num tinha preguiça com ele não, num tinha tempo duro não, ele emendava o dia com a noite, finada minha mãe, muito trabalhadeira, os filhos tinham que tá junto ajudando, mais eu o mais velho, os outros eram muito pequenininho o não valia nada não.

O que mudou mesmo foi a vida financeira, por que depois que saiu o lote, cada um começou a produzir, um ovo, um frango e o leite, quase todo mundo produz, o leite. Acontece que, no início não tinha renda nenhuma, hoje graças a Deus tem muita renda. Vou te contar uma história: um dia falei isso na reunião, o presidente era Edson zoião, aí não sei, houve uma conversa, antes de propor de fazer a tal quadra, eu falei: “ocês quer saber, futuramente isso daqui vai ser um asilo, só vai ter velho”, se ocê analisar nós fundadores do assentamento, somos todos aposentados, entendeu? Se não tivesse, esses moradores que entrou depois, ou alguns filhos, ou compradores, mas, os fundadores mesmo são quase todos aposentados, o que não é aposentado, já tá perto de aposentar. No dia, não sei quem ficou bravo comigo, falei: “isso aqui vai ficar só velho, o novo vai embora pra cidade, vai virar um asilo”.

Olha, o Otaviano teve que ir embora pra Brasília, aqui no lote não tem renda pra nós dois. Hoje dá pra uma família sobreviver, razoável, num vô dizer bem, mas

razoável, mas pra duas famílias, não dá, sendo que é pra agricultura familiar, mas não dá, poderia se você tivesse mais recurso pra beneficiar a terra, porque nossa terra, nem cana produz, o cupim come tudo. O capim tem que reformar de três em três anos, porque o cupim mata, é acidez da terra. Você não tem como pô um gesso, cal cariar direitinho, calcaria mais ou menos, não tem recurso, entendeu? Fica bravo.

Minha vida é boa, graças a Deus, a minha, considero boa, sou um cara tranquilo, não devo, tenho uma qualidade razoável. Tenho minha opinião contra, sou contra a educação por exemplo, um menino de seis, sete anos, ele sai de casa quatro horas da madrugada e ir pra escola, pra chegar duas horas, entendeu? Acho que ele não aprende cem por cento, vai ficar na escola com sono, seja o menino que for, você num põe ele na cama seis horas, nós hoje tem a televisão, o celular, ele fica brincando, outros tem o computador, ele vai deitar umas dez horas e depois vai levantar três e meia, o ônibus passa quatro e meia, não acredito no aprendizado desse menino, acho que tem uma falha grande.

Na saúde nós temos um médico uma vez por mês, na cidade, por exemplo, graças a Deus sou sadio, até não preciso de médico, mas quando precisei pra finada Conceição, fui muito bem atendido em Paracatu, no hospital, ela foi bem atendida, ela faleceu, mas foi bem atendida. Nós temos o lugar com prioridade pros da roça, o posto da zona rural, faço check-up todo ano, faço lá, chegando cedo, sou bem atendido, atende vinte pessoas por dia, nunca perdi caminhada.

Moradia, principalmente a minha, deixa a desejar, mas é o que pude fazer, tem promessas de sair o financiamento, depois o boato, ia ser minha casa minha vida, até hoje nada. A vida toda gostei de roça, a tranquilidade da roça pra mim é bom, por causa disso, viver aqui, fazer o que gosto, cuidar de galinha, cachorro e o gado me atentando aí, é o que eu gosto.

#### **4.2 Damiron Rodrigues da Silveira**

Nasci 29 de julho de 1970. Tive uma infância muito dolorida. Minha mãe largou meu pai, nós não tinha casa de moradia. Depois de alguns anos, trabalhei no garimpo bastante tempo tirando ouro na draga; depois, já fichado na Kinross, que na época se chamava RPM (Rio Paracatu Mineração), eu optei por vim para o

acampamento, queria ter meu pedaço de terra, minha vida.

Quando casei, o garimpo acabou, fui morar na roça, com minha primeira mulher, Tiana, nós tivemos dois filhos lá. Plantava roça, tirava leite e tal. Depois voltei pra cidade, teve uma coisa que sempre marcou na minha vida, eu fui trabalhar no matador. No matador, eu era o cara que matava. Então assim sempre gostei de animal, gostei das coisas, chegou um momento que tive que matar, e por necessidade, por precisão.

Depois do matador fui pra Kinross. Quando vim pra cá, eu vim por opção, vi que na verdade um pedaço de terra é tudo que você tem na vida, tenho uma coisa que falo... Tem aquele filme que não lembro o nome, que o falava que terra é poder. Então sempre pensei que tinha que conquistar meu pedaço de terra.

Na época nós tivemos uma ocupação na fazenda que chamava Santa Catarina, organizamos, eram trezentas famílias, chegou lá, lidava com a igreja e tal, logo virei coordenador do Assentamento, só que, a terra não dava pra todo mundo, alguém tinha que sair, eu gostava de lugar mais de fundo e tal. No Quinze de Novembro, que chamava Santa Catarina, que depois do Assentamento virou Quinze de Novembro, era muito agitado, chapada, não gostava. Resolvi: vou descer pra lá e descemos, 111 famílias. Que se tornou o Tiro e Queda e o Hebert de Souza.

Na época, nós estávamos acampado, aqui pertinho, perto da casa de Baiano, Mauro veio, era assessor de Almir Paraca, Mauro deu uns tiro pra cima, fazenda dele era a Conceição, que antes se chamava Maria José, nós ocupamos a prefeitura pra pressionar, quando saiu virou Tiro e Queda, porque ele deu o tiro e caiu.

Aqui quando desapropriou nós fizemos uma homenagem a Betim, Hebert de Souza, sociólogo, na época ele tinha falecido. Pra gente do movimento a trajetória da gente era muito aguerrida, essa questão da reforma agrária. Meu pai era leitor de um jornal muito voltado à reforma agraria, pensei: “vou pegar a bandeira e vim trabalhar”. Acho que não teve um acampamento organizado igual ao nosso, a gente tinha banheiro, fossa seca pra todo mundo usar, nós compartilhávamos água, leite. Quando chegamos aqui, seu Zé Rodrigues morava na sede, fizemos amizade, ele dava o leite e a gente compartilhava, se um pescasse, todo mundo comia, se um caçasse, todo mundo comia, uma época que nunca vou esquecer.

Minha vida foi mais importante pra mim do que pra comunidade. Quando



cheguei tinha vinte e sete anos e o quinto ano, comecei a desenvolver no PRONERA. Fui coordenador do acampamento, presidente da associação por dois mandatos... Naquele tempo a gente brigava, e não, conversava. Não esqueço do dia que Marcos Heleno, superintendente do INCRA, foi me mostrar um papel, peguei o papel e joguei na cara dele, assim o povo respeitava a gente, todo mundo respeitava. Hoje ninguém respeita ninguém. Fui filiado ao PT, participei do sindicato como secretário de reforma agrária, depois, presidente do sindicato. Deus abençoou que eu voltei a estudar, fiz curso técnico em agropecuária, em alternância, na escola agrícola de Unaí, com o convênio com a UNB.

Na verdade, dei minha vida. Tudo que achava que deveria fazer, fiz. Se morrer hoje, sinto glorificado, na verdade. Medi estrada, fiz picada, era engajado mesmo, sei que tem muitas pessoas importantes na luta pela terra, muitas pessoas que as vezes não é glorificado, que não é homenageado, mas, me sinto gratificado pelo que eu fiz. Na verdade, você não tava só pela terra, não só pelos outros, queria ter minha terra também, não era uma luta só pro povo. Primeiro fui coordenador do acampamento, um acampamento muito grande, a gente tinha uma liderança e o acampamento nosso era muito aguerrido, acho que não vai existir um igual ao nosso.

Às vezes a gente não consegue lembrar, o mais importante que tinha era o respeito, era tranquilo. Se tivesse uma confusão entre um e outro, a gente chamava para conversar. Lembro que minha primeira organização para fazer eleição pra presidente da associação. É lógico que você nunca tem tudo do seu lado, né? Você tem suas divergências, tinha as pessoas que eram contra, mas sentávamos e discutia, é você saber que precisa do outro.

A ligação com as pessoas era de sentar e conversar, maior importância do acampamento, pra quem viveu acampado, era você saber o que podia fazer ou não. Respeitar as pessoas, isso escola no mundo não dá.

Mudou. Se você pega por mim, pode escrever isso, tenho oito dias que estou aqui, não fui a lugar nenhum. Quando você tava no acampamento, você andava de barraca em barraca. Hoje não tem aquela familiarização, aquela união; é todo mundo individual. Você tira seu leite, produz sua comida, ninguém tem mais aquela afinidade que tinha. Agora, nesse aspecto, acho que piorou, você não tinha nada,

não tinha terra, não tinha gado, mas compartilhava uma coisa com o outro. Até depois que saiu do acampamento nos fazia mutirão, roçava pasto um do outro, na hora de colher um arroz, a gente trabalhava junto, e um ajudava outro.

Hoje mudou, na verdade. Vejo o assentamento sem o comunismo, sem o socialismo, sem a divisão das coisas, não tenho prazer de ir na casa de um vizinho. Não é só eu não, é todo mundo. Tem uma coisa que sempre vai me marcar, o sorteio dos lotes. Lembro que, quando fomos fazer o sorteio no acampamento, tinha um menino, filho de Leci, nós tínhamos partido e colocado números nos lotes, escrevemos no papel o número de cada lote, quando ele pegou cumbuca, o lote que eu queria era o vinte e dois. Na hora do sorteio, pedi o menino de Leci, um menino de oito anos, pra tirar da cumbuca pra mim, exatamente onde queria ele tirou, o vinte e dois.

Na verdade, nós viemos pra cá e ocupou a fazenda, não tinha noção do tamanho era a terra, aqui na verdade era três gleba, era Barreiro, Barreirinho e Trairás, na época de nos medir foi uma confusão danada, por que fulano queria só no Barreirinho, ciclano queria só nas Traíras, ou só no Barreiro. Nós tínhamos que medir conforme o tamanho, então Almir Paraca deu um apoio muito grande, colocou o trator de esteira pra abrir, mas as picadas foram feitas entre nós. A gente fez assim: vinte oito hectares o lote tal, vinte cinco hectares o lote tal, vinte hectares lote tal, nós olhamos pela terra, conforme fosse, se pegasse córrego [água] era menor, se não pegasse era maior. Depois o INCRA veio redividir, por exemplo, meu lote era vinte e quatro hectares, passou pra trinta e um.

No início, primeiro nós pegamos a corda, de cabo, corda de cinquenta metros. Abrimos as estradas de cinquenta metros, porque a gente sabia que, se não abrisse elas, na hora que o INCRA chegasse, num ia bater com a medida das estradas. Sabia que tinha que ter pra passar água e luz, então já medimos. A técnica nossa era corda, depois o INCRA veio e mediu com aparelhos. O que nós mais media era o leite. Por exemplo, se você tivesse dois filhos você ganhava tanto de leite, se tivesse três era tanto de leite, era medido no olho mesmo de acordo com a quantidade de criança, não tinha muito, media mesmo, uai usava o litro descartável.

Estudei depois que cheguei aqui no Assentamento Hebert de Souza, não tinha estudado, graças a Deus estudei. Lembrei que quando era criança, tinha o

prato, prato de polvilho, prato de farinha, lembro de minha mãe tinha esse negócio de fazer, vamos supor, se ela fosse fazer um pão de queijo, era um prato de polvilho e o mesmo prato de queijo. Essa medida é a mais antiga que tem, do prato.

Quando minha mãe morava ali, onde é o lote de Amarildo, não tinha balança, não tinha nada, ela usava, o prato, não esse prato normal que tem hoje, é aquele prato esmaltado, equivale a aproximadamente um quilo. Tem outras maneiras, por exemplo, vai fazer uma cerca aí tem que colocar por quilômetro, né? As coisas mudaram muito, tô velho, se você for em Sílvia comprar um peixe, por exemplo, a balancinha dele é eletrônica, não é mais daquela de pô um peso de lá, outro peso de cá, assim vai, se você manda o leite, mede é na régua, essa régua é milimetrada, por exemplo, se der cem litros e nove milímetros, aparece na régua.

As coisas mudaram, muito mesmo nessa questão de medida, de peso, antigamente você vendia um queijo, vendia a peça, hoje não vende peça de queijo mais, vende o quilo, a grama. As mudanças elas são necessárias, num é que a mudança seja ruim ou boa, ela é necessária, acredito que é o processo da vida da gente. Pensa, o homem que tinha o quinto ano, ser diretor de escola. As mudanças são necessárias e quando a pessoa começa a produzir... Exemplo, a vida de uma pessoa igual Flávio, chega aqui começa a expandir o leite dele, produz quase quinhentos litros de leite por dia né? É necessário. Um dia vai acontecer comigo também vou ter que fazer isso também, a mudança é necessária, Em uma reunião de associação hoje, não tem mais cavalo, não tem mais carroça, é carro, é moto, isso é necessário.

No ponto de relacionamento acho que enfraqueceu a comunidade, hoje a comunidade enfraquece pelo desenvolvimento, por que o desenvolvimento nosso não é um desenvolvimento sustentável, é um desenvolvimento econômico capitalista. Que deixa a mercê do negócio, falo que o Assentamento hoje, todo lote virou um agronegócio, ninguém consegue mais familiarizar com ninguém, compartilhar com ninguém, essas mudanças, mesmo sendo necessárias, mata a questão da intelectualidade, mata a questão da conversa. Tenho um pensamento que ninguém tirar da minha cabeça, são duas coisas que não pode acabar no mundo, a igreja e o boteco, por que é onde o povo socializa, reúne, interage e conversa.

Se você pegar, temos que ponderar nesta resposta, o Assentamento que mais produz leite pra COOPERVAP é o nosso, então mudou, quem tirava vinte litros de leite, trinta litros de leite, hoje tá tirando duzentos, trezentos litros, então economicamente, esse é um dos assentamentos mais desenvolvidos de Paracatu, agora vida intelectual, tem você, eu, Eliene e algumas outras pessoas que desenvolveram intelectualmente, digo que tá estudando, fazendo faculdade, pós-graduação, né?

Nós desenvolvemos muito, mas a vida pessoal não tem desenvolvimento. Exemplo, tá cheio no Assentamento de quem planta transgênicos, produz silo, produz leite e não estão nem ai com veneno. Agora quem quer uma vida agroecológica, de produção agroecológica você não acha. Assim, tem um desenvolvimento e outro desenvolvimento. Não importo muito com as coisas, sou tranquilo, de viver, não preso riqueza, pra mim o Assentamento tá acabando, pra uma pessoa que presa riqueza, o assentamento tá evoluindo.

Inclusive se você chegar na COOPERVAP, por exemplo, dizer: “sou do Assentamento Hebert de Souza e quero pedir vocês alguma coisa e tal”, você consegue, porque somos o Assentamento maior produtor de leite de Paracatu, mas, na questão agroecologia, social tem nada. Apesar de algumas pessoas difamarem, nós ainda temos uma associação organizada, somos os melhores em questão de organização, pode até não ser a melhor, mas estamos dentro do ranking das melhores associações organizadas.

Assim, nossa associação traz médico, vacina, traz as coisas sabe, nós vivemos numa situação que, tem pessoas que quase passa fome e tem pessoa que gera riqueza. Mas, acho que a gente tem um desenvolvimento, nessa questão, vou contrapondo no que estou falando, nos termos uma associação organizada que de certa maneira, contribui para uma melhor qualidade de vida.

Isso daqui é minha vida, não existe outro lugar no mundo, é meu lugarzinho de viver, apesar, de estar antissocial, quase não saio, mas, viver no Assentamento pra mim é sucesso, uma construção, tudo que tem, ajudei a construir, mesmo que as pessoas não acham, quando você está em um lugar, sabe que ajudou a construir. Você olha árvores que plantou, as casas que construiu, água que ajudou arrumar, então você fica, é o lugar que eu quero continuar viver.

Pra mim não teve um dia igual, o dia que nós fechamos a Avenida Afonso Pena, nós fechamos, era via dupla, né? Levamos aqui do acampamento umas duzentas pessoas e fechamos tudo, Vílson da FETAEMG falou: “vamos abrir um pedaço”, ele não me conhecia nessa época, falei: “não, vai continuar fechado”, esse dia não esqueço, o dia que fechamos a Afonso Pena, ninguém fecha a Afonso Pena e nós fechamos a naquele dia, a Afonso Pena, centro de Belo Horizonte, perto do INCRA e o decreto saiu. Decreto de desapropriação, de posse dessa fazenda, saiu uns três no mesmo dia, nós fechamos e fomos pro INCRA, chegando lá falamos assim: “nós só desocupa a avenida, quando sair o decreto”, e naquele dia saiu. Pena que tem pessoas que não valoriza, o que a gente fez...

Quero falar que eu estou engrandecido e parabéns pra você, eu sei o que é estudar, a gente passa por momentos difíceis pra estudar, mas, graças a Deus chegamos até o fim.

#### **4.3 Maria Abadia Pereira Gama**

Filha de uma fazenda chamada Fagundes, nasci e cresci nesta fazenda. Desde de pequenos, até os seis anos, a gente tinha tanta responsabilidade, ajudava a mãe cuidar dos irmãos menores. Minha mãe sempre teve aquela meninada, somos nove, com sete anos mudou uma família pra essa fazenda e eu fui cozinhar, ajudar, trabalhar, nessa fazenda tinha sete anos, era uma criança, né? Quando chegou lá a mulher, me pôs pra cozinhar. Minha família era tão pobre que tinha necessidade de trabalhar pra ajudar minha mãe com outras crianças, as vezes não tínhamos nem o que comer, né?

Colocava o banco na beira do fogão, subia no banco pra fogar [refogar] arroz, fui crescendo assim, vendo minha mãe naquela miséria, pobreza danada. Eu queria trabalhar pra ajudar. Nesse lugar minha mãe buscava a gordura, o arroz, tudo no meu trabalho, fiquei nessa fazenda até os nove anos. Meu pai era assim, só ligava pra comida, pra ele se tivesse comida tava bom. Minha mãe não, ela pensava que a gente tinha que ter uma roupa, um calçado, mas cadê a condição, não tinha, a gente andava de qualquer jeito. Ninguém falava nada e nem ria de nada, fui e trabalhei, nesse lugar até os nove anos para ajudar minha família.

Minha mãe era tipo, igual escrava, se uma pessoa chegasse lá, pedisse: “me empresta sua filha, trabalhar pra mim”, se for contar o que aconteceu na minha infância, não esqueço de nada, eu deito e fico pensando. Fui, trabalhava nessa fazenda e a irmã da dona, foi lá e pediu minha mãe pra emprestar eu pra outra pessoa, pra olhar menino, uma criança, não dava escola, não dava nada, sabe? Fui lá cuidar das crianças, uma criança cuidando de outras. Tava cuidando das crianças, tinha a cozinheira. Nessa casa tinha um porão e a dona da casa, a patroa, mandou fritar mandioca com ovo, sabe? Quando foi na tarde os meninos dela comeu, a mandioca frita com ovo que sobrou do almoço, a empregada falou: “mandioca que tava ali sumiu, comeu tudo”, e a patroa logo virou pra min e falou que tinha sido eu, falei: “não comi”, ela falou: “foi sim”, me bateu e falou: “a tarde você vai comer um prato de comida que você nunca comeu na vida”. Eu era criança. Quando foi de tarde, sentei em uma escada, ela veio com um prato de comida, fez eu comer, me batendo, sabe? Sendo que tinha falado que não tinha sido eu que comi, né? Pai me buscou, me levou pra roça, nós fomos tudo pra enxada, pra capinar.

Quando meu pai plantava roça, que chovia muito, era setembro, outubro já tava plantando, nessa roça meu pai plantava arroz, plantava tudo, plantava mostarda, plantava tudo no meio das roças. Quando chegava a época de colher pra comer, tinha tudo, ocê catava mostarda no meio do arroz, tinha abóbora, tinha tudo. Quando o arroz começava a madurecer, pai cortava de cachim, não esqueço, quando nós não tinha nada pra comer, esperando a roça chegar, ele ia de noite cortava o arroz de cachinho em cachinho, cortava só o arroz torrava esse arroz na panela, socava no pilão e cozinhava, acordava nos pra comer a noite, sabe?

Era muito sofrimento e era nós na enxada, capinando, colhendo arroz, feijão. Chegava a chuva, era muita fartura. Crescia e pensava em ajudar meu pai, porque nasci, criei, 64 anos na roça, minha roça é minha vida. Mesma coisa de uma planta que você não molha: ela morre de seca.

Cresci, minhas irmãs cresceram e cada uma foi trabalhar pra ajudar, meus irmãos foram estudar. Não tive oportunidade. Depois que meus filhos cresceram, me ensinaram um pouco, era só trabalhando em roça. Naquela época os pais não ligavam pra essas coisas, meus irmãos pra estudar, meu pai levava eles pra roça pra capinar. Quando dava a hora de ir pra escola, eles pulavam o rio, nós

morávamos do lado de cá do rio e a escola era do lado de lá, antes dá hora, eles pulavam o rio, porque meu pai não gostava de deixar eles irem pra escola. Aí escondia a pasta, era um saquim de açúcar, eles punha o caderno e escondia do outro lado do rio, na hora de começar a aula, eles corriam escondido do meu pai pegava o material pulava o e rio pra ir à escola. Foi assim que eles aprenderam alguma coisa.

A gente era mais velho e tinha que obedecer, via a necessidade que era demais. A gente não teve oportunidade. Igual hoje, hoje é obrigatório, mas, sou feliz, sabe? Porque nunca catei um botão de ninguém. Fui honesta com minhas dívidas, minhas responsabilidades, nunca abandonei meus filhos pra nada, casei. Vou contar pra você uma história: tinha quinze anos, naquela época menina com quinze anos era tapada, entendia de nada, falo com você, porque tinha quinze anos, quando via minha mãe grávida, ficava pensando: “como minha mãe engravidou?” Não podia perguntar, ela batia na gente, você não podia participar dessas conversas. Com dezesseis anos praticamente, ficava só trabalhando pra ajudar minha mãe cuidar dos menores. Nós somos nove irmãos, na real nós somos dez, mas o primeiro da minha mãe faleceu. Minha mãe era uma mulher muito nervosa, era agitada demais, só vivia com medo de apanhar. Não podia assim: se você chegasse num lugar, chegasse com nós numa casa e falasse assim: “mãe tô com fome, vamos caçar um trem pra comer”, ela só olhava, encostava na gente dava um beliscão que arrancava o pedaço, então aquela fome, assim, a gente ir pra casa pra fazer come. Mas, mamãe estava ali esperando a pessoa fazer comida pra nós, sabe? Porque, não tinha, era muita miséria. Meu pai mudou pra cidade, fomos pra cidade, moramos em rancho de beira de praia, papai com aquela meninada.

Quando tinha dezesseis anos, acho que minha mãe morreu com muito remorso disso, apareceu esse Silvio, porque nunca tive namorado, o único foi ele. Tinha dezesseis anos e ele vinte e cinco, e minha mãe viu ele, nossa senhora, por que ela tratou de me empurrar nele, minha tia que morava na cidade falou: “como você faz isso Gentina, essa idade”. Naquela tempo era criança, mas tinha que casar com aquele homem de qualquer jeito, tinha que obedecer. Quando casei com ele, meu pai não queria de jeito nenhum, mas ela morreu com muita culpa disso, porque era outra geração, dos meus irmãos mais novos, ela via que não era daquele jeito e

que aquela pessoa não era o que ela pensava.

Na companhia desse homem fui de roça em roça, de fazenda em fazenda, trabalhava pra um, trabalhava pra outro, criei meus filhos assim, como fui criada. Quem rouba um botão, rouba um caminhão, não olha as coisas dos outros, com olhos grande, você vê uma coisa lá, você deixa lá, ou pede. É muito mais bonito a pessoa pedir do que pegar. Nunca fui em porta de delegacia por causa dos meus filhos.

Um dia nós tinha saído da fazenda onde trabalhávamos, e tava na cidade caçando outra fazenda pra ir, quando chegou, não lembro a data do mês, mas, lembro que foi numa quarta-feira muito chuvosa, e nós vivia sofrendo demais nas roças. Nunca tinha ouvido falar de reforma agrária. Nunca tinha ouvido falar, de primeiro a gente era tapado, sabe? Eu lembro que nesse Fagundes mesmo, era pequena ainda, era tanta pobreza, não tinha nada, nada, sabe? O que tinha na casa, couro, que quando era de noite minha mãe abria o couro no chão, forrava pra nos dormir, por que não tinha colchão, não tinha nada, só tinha couro de gado, só curtia ele, abria e punha nos pra dormir, de tanta pobreza que era, não tinha nada, as panelas eram, aquelas panelinhas de ferro, de pobre mesmo, sal, papai ia no coucho de sal dos fazendeiros, não era roubar, era por que não tinha mesmo né, pra pôr na comida de nos comer, tanta pobreza que era.

Quando surgiu isso aqui, era casada e tudo, não sei se foi numa quarta ou quinta-feira, era dia de chuva, de muita chuva mesmo. Aí eu lembro que Mirian, de Elizeu, bateu na porta, Mirian bateu na porta chamando pra vim pra aqui, né? Aquela chuvona, naquela tempo chovia muito, falei assim: “não sô, vai lá”. Lembro de muita gente espalhado no bairro primavera, chamando o povo pra vir para cá. Tinha muito ônibus, muito carro, só catamos a coberta, umas panelinhas, por que não tinha nada também, aquele homem não tinha futuro de nada, ele só vivia com trouxa na cabeça, sabe?

Aí catou as panelinhas e veio, aquele tanto de ônibus, caminhão, veio. Cada um fez uma barraquinha no meio do mato. Sei que tudo isso era mato e tinha as estradas principais. Lembro que vim, por que era assim, alguém tinha que trabalhar pra sustentar a comida aqui, até governo mandar aquele fomento, cada um fez, uma barraquinha debaixo de chuva, tinha mulher com menino, aquele tanto de gente,



mulher com menino, parecia que a gente tava no paraíso, sabe? Aquilo de pensar assim: “já passei por tanta coisa ruim nessa vida e hoje eu tô no paraíso”. Olhava, ficava aquela alegria, pensava assim: “agora eu tenho uma terra que é minha”, pensava, era só acampamento, tudo barracado, mas, a gente era tao infeliz, tão pobre, que aquilo era maior alegria do mundo.

Você achava, tipo assim, nunca calçou um sapato novo e quando calça, você fica só olhando pro pé [risos]. A gente fica só olhando pro pé. A vida da gente mudou muito quando surgiu esse acampamento, foi uma coisa muito boa, tirou muita gente da cidade, falo não pelos outros, mas por mim mesma, gente que vivia só de roça em roça, então surgiu a oportunidade de ter um pedacinho pra você, trabalhar pra você mesmo, né? Cada um plantava um trem, plantava outro, a gente cuidava daquilo com muito amor e carinho.

Quando cheguei fiquei muito feliz. Foi aquela coisa, o fulano me maltrato tanto na fazenda dele, agora tenho uma fazenda de minha, hoje tenho isso aqui que é meu. Fui tão humilhada, maltratada e hoje isso aqui é meu. Quando era época de prantar, você queria prantar, foi uma coisa muito boa que aconteceu na vida, não só minha, mas de todos.

A organização era, você tinha que dar uma contribuição para manter as despesas, quem não ficava acampado dava uma contribuição, pra manter as despesas de quem tava acampado, né? Porque era justo, um tinha que ajudar o outro, senão, como ia manter o acampamento? Vivia assim, não lembro direito, mas vivia de doação até chegar o fomento. Lembro também que Almir Paraca facilitou muito, ajudou muito, e vivia aqui no Assentamento, todo mundo tá de prova que, ele vivia ajudando o povo. Tinha uma ou duas pessoas que, tinha a liderança disso, não me lembro bem, mas tinha uma pessoa que era líder do acampamento, mas tinha o outro por fora, não me lembro bem se era Damiron.

Fazia parte de um movimento social. Ele ficava aqui sabe, o meu marido. Eu tinha que trabalhar pra manter a casa e os meninos na cidade, na escola, né? E manter minha parte no acampamento, inclusive, era dinheiro, tudo que precisava trabalhava para ajudar manter, porque não tinha nada ainda. A gente lutava muito, por coisas melhores, melhoria do acampamento, um queria uma coisa, outro queria outra, era maior felicidade de todo mundo e minha também, maior alegria, uns ficava

contando tenho uma terrinha, né? E quando surgiu a maneira de dividir, cada um pegando o seu, um fazia um barraco aqui, outro fazia um barraco dali, tudo de madeira a pique, rancho foi bom pra mim e pros meus filhos, foi bom demais.

Quando vinha pra trabalhar, pra ajudar, pra trazer as coisas, tinha que trabalhar lá e vim pra cá. Todo mundo ajudava uns aos outros. Igual aquela Zumira mesmo, nos ajudou ela a fazer rancho, né? Criolo a gente foi pra lá, ajudar ele a fazer o rancho, eles ajudou nós a fazer nosso, então foi trabalho em conjunto, todo mundo, era bom demais, muito bom saber, todo mundo, amigo de todo mundo, companheiro de todo mundo, num era? Uma felicidade tão grande né todo mundo era amigo, ninguém.

Hoje acho que mudou, mudou muito, o Assentamento evoluiu muito, principalmente, quem morou em rancho igual morei, hoje tem uma casa, nem antes do acampamento, nunca morei numa casa, hoje moro numa casa que tem cerâmica, banheiro arrumadinho, evoluiu, tem escola, ônibus, pras crianças ir pra escola, nossa evoluiu demais, hoje tem água encanada, antes não tinha né. Nessa terça-feira, falo com você, mudou muito, assim as pessoas hoje, só vê você e fala oi, oi, quando cumprimenta a gente, ainda tô naquela língua da idade da pedra, tô falando do meu jeito, sabe?

Naquela época não era assim, as coisas mudaram muito, mudaram demais. A pessoa não tem misericórdia de chegar em você e acabar com sua autoestima, te colocar pra baixo, te humilhar. Falo porque, sofri isso aqui, sofri bullying. Fico calada no meu canto, não brigo com ninguém por conta disso, não gosto. Falo: “se for pra alguém vim na minha casa, falar da vida dos outro, prefiro que não venha”, porque nós estamos todo mundo no mesmo barco, tá todo sofrendo, pelejando pra sobreviver, né? E a pessoa tá com maldade falando do outro. Na época do acampamento, não. Era assim: se um tinha sal, o outro falava: “o fulano me empresta sal”, era na hora, “fulano eu to aqui sem a gordura pra fazer o almoço”, era na hora, um emprestava pro outro, um ajudava o outro, se assasse um bolo, que na época era na panela, não tinha nada pra assar, cada um participava daquele bolo, cada um participava daquele café, coado de manhã, tinha liberdade de ir no bule do outro e tomar o café, né?

Hoje não, a coisa mudou, assim no tempo do acampamento, você se sentia

em casa, sentia família, agora mudou tudo, cada um, na sua casa correndo atrás do seu e pronto. Não tem mais união, comparando com aquele tempo. Quando nós pegamos o lote, não sei se você lembra, nós plantamos um arrozal... Gente, como nos colheu arroz! Teve outras pessoas que não plantou nada. Então assim, lembro que uma vez, teve uns lá que não tinha arroz, por que o arroz deitou muito, e nos colheu, do que nos colheu, sobrou, aquele Silvio, deu pra pessoa colher, quem não tinha, ai ele colheu o arroz, né? Quando a gente não tinha uma coisa, a gente ia no vizinho, me ruma isso aqui, eu não tenho ainda, era uma benção aquela época. Hoje é assim eu falo por que vejo, escuto, só que fico calada no meu canto, antigamente fazia uma reunião não tinha casa, fazia uma reunião debaixo daquela árvore, todo mundo do acampamento tava lá, todo mundo.

Antigamente assim, a gente assinava a ata, o caderno, mas você podia ver o caderno, ele tava de assinatura de cima em baixo, então todo mundo tava lá. Se falasse assim: “gente vamos roçar aquele pasto”, todo mundo ia ajudar a roçar o pasto, enchia de gente. Hoje faz uma reunião, tem um, dois, três, quatro, cinco, seis gatos pingados, não tem quase ninguém, e os que vão, fica panelinha, porque no dia da reunião é o dia que acha de falar da vida dos outros, é o dia que eles acha de falar de gado, o dia de pô o papo em dia.

Hoje que vejo que as coisas mudaram, vejo que é uma violência doméstica, uma coisa que minha mãe passou, minhas irmãs passaram e eu passei aqui no Assentamento, vejo que sofri muito, aqui sofri bullying.

No acampamento, quando saímos da cidade e viemos pra cá, já foi uma coisa marcante, porque todo mundo que tava ali, inclusive a gente, tava confiante que aquilo era nosso. A gente não pensava que podia dar errado, só que ia dar certo, foi muito marcante na vida da gente, boa a relação de todo mundo que morava aqui, era maravilhoso, a melhor ideia foi, esses Assentamentos, mudou a vida de muita gente, inclusive eu, que não aguento morar na cidade, a minha vida é a roça, eu nasci, cresci e to com 64 anos na roça, né? Outra coisa que me marcou muito: nunca esqueci quando construiu a casa, que o governo liberou o material para fazer a casa. Eu olhava assim na frente da casa, Raquel, nunca pensava que ia ter aquilo, aquele arrozal na frente da minha casa sabe, assim, olhava aquela distância, aquele arroz amarelinho igual meu pai plantava... Me marcou, nunca esqueço, hoje virou

tudo pasto, o povo não planta mais, naquela época era muita fartura, muita coisa boa, você nem lembrava que existia cidade.

Lembro que na época do acampamento a gente ainda plantava cabaça, lembro que nos plantamos muita cabaça, você não tinha peso, não tinha balança, não tinha nada, a gente fazia um cálculo pela cabaça, né? Essa cabaça pesa tantos quilos, ia como aquele peso de quilo. Tudo era cabaça. Pra te falar a verdade, até comer na cabaça, nós comia. Limpava elas, punha de molho pra sair aquela semente de dentro, ficava limpinha. Inclusive aqui em casa, até hoje ainda uso, a cabaça não, a cuia, feita da cabaça. A cabaça você usava pra medir o arroz, usava até pra comer, por que não tinha prato, quando tinha prato era só pras pessoas [visitas] que chegava, então comia na cuia, a cuia era pra tirar água na lata, moringa, [vasilha feita de barro, pote] de primeiro não tinha filtro só usava pote pra pôr água.

A gente sabia pelo peso da cabaça, essa cabaça pesa, o produto com uns dez quilos, de tão grande que ela era, e ia por aquilo, só pelo olho mesmo. A pessoa levava aquilo e pra gente também era aquilo, porque não tinha como medir, era relação de confiança e honestidade. Igual tô falando: era tão unido, as pessoas assim, vamos supor, eu falava: “me ruma ai um litro de farinha”. Tinha uma cuia específica, ela era um litro de farinha. Um litro que fala quilo, mas era litro, a gente não falava quilo, falava litro, né? Não falava peso, era medida. Eu nasci, cresci vendo falar que era medida. O saco não era saco, era tuia. Você punha arroz na tuia, sabe, a tuia era feita de bambu barreado com barro, com terra, pra você guardar os mantimentos, era arroz, era feijão, era milho, tudo. Milho já colhia na palha, você guardava na tuia. Então no acampamento era tipo assim, era tudo na medida, a gente não chegava, assim: “me dá um quilo de farinha”, não. “Me dá uma medida de farinha” e já tinha aquela vazia lá. A gente nem pesava, logo media e tirava, não tinha discórdia com ninguém, era aquilo, porque tinha confiança e honestidade.

Mudou, mudou, por que, você vai lá pesa, repesa e a pessoa ainda desconfia, a desconfiança tá sempre ali, assim a gente é honesto, aqui tem muita gente errada, mas as pessoas são honestas, pessoal mais velho, todos são honestos, não tô falando que os novos não, tá me entendendo? A gente é honesto, as pessoas você pesa aquilo e a ainda tá errado esse peso, tem que pesar de novo, e fica falando:

“acho que esse peso tá errado”. Sô, mais tá ai, olha pro cê vê, a gente fica com medo daquela pessoa tá desconfiando, né?

Já aconteceu hoje, na época do acampamento não, porque fazia tudo em conjunto, dividia lá, tantas cuias pra você, tantas cuias pra mim e tava bão. Agora não, se quiser uma coisa com a pessoa pra dividir e falar que é na meia, é um quilo pra você e um quilo pra mim; um quilo pra você, um quilo pra mim, né? Isso é um meio de desconfiança, na época do acampamento não era assim: “fulano deu tanto”, era tantas cuias pra mim, tantas pra você e todo mundo carregava de boa. Porque hoje evoluiu muito, o Tôío é da época que marrava cachorro com linguiça, tá entendendo? Aquela época que minha mãe fazia, então ele acha que precisa continuar fazendo daquele jeito, cabeça dele é assim, ele ainda pensa, que pode comer rapadura com toussim, que pega peixe pra tirar a gordura e arrebenar pipoca, a cabeça dele ainda é assim, sabe? Já minha cabeça é diferente. Igual, ele tava tirando leite na mão e não tava aguentado, por conta do problema de coluna. Aí pensei: por que continuar tirando na mão? Nós temos que evoluir a tecnologia, se não, não dá conta, o mundo anda e nós fica pra trás. Aí nós compramos ordenha, tanque pra facilitar, porque coisas que nos achava fácil no passado, agora nos acha difícil. A cabaça não tenho, a cuia ainda tenho, tinha uma cuinha de tirar açúcar, mas minha filha levou, ela é dessas, que fica catando esses trem.

A cuia que tenho aqui. Deve valer uns dois quilos, se falar na medida. Porque na época não era quilo, era só medida. Ela deve valer dois quilos, uma medida da cuia vale dois quilos.

Raquel, hoje assim, tô aqui desde de o acampamento, então assim, não me vejo fora daqui, então o meu sonho é que o governo legaliza a gente, pra pessoa ver que aquilo não foi em vão, a luta, a necessidade. Temos contratos, mas a legalização que falo é o título da terra, por que o título é uma legalização definitiva. Depois que veio o contrato, a gente tava mais confiante, a agora a terra é minha, peguei o contrato, o sonho é só de evoluir, melhorar, né? Você quer plantar alguma coisa, é meu, tô com contrato. Ah, eu quero planta isso, plantar aquilo, falo com você porque já amanheço o dia pensando em plantar. Evoluiu muito, influenciou muito, é tô falando tudo errado, mas depois você concerta [risos]. Bom tenho muita coisa pra contar, só que assim, falo por mim se eu vou medir alguma coisa pra você, vou

medir bem medido, se vou pesar pra você, eu vou pesar bem pesado, por que hoje surge desconfiança em tudo quanto é lugar, peso aqui, ai a pessoa chega lá e pesa de novo, assim é uma coisa que mudou muito, tudo mudou, mudou por conta de celular, a internet da ai pra mostrar tudo, assim pessoas não confia mais nas outras, mas, nunca aconteceu comigo assim da pessoa desconfiar do meu peso. Acho assim, por exemplo, vendo ovos na cidade, você vê, o custo pra produzir esses ovos, é muito caro, quanto que é dúzia de ovo, oito reais, a pessoa vem comprar e acha caro, acha, por que nos mora aqui na roça nos tem que vender mais barato, a mais, no mercado tá tanto, mas, aqui na roça tem muito gasto também, acha que tem que vender mais barato, a gente gasta quantos sacos de milho, são seis meses pra gente criar um frango, seis sete meses para chegar ao abate, o frango caipira mesmo. Quando você vai vender a pessoa quer pagar R\$ 25,00 e o saco de milho, quase quarenta reais, trinta e tantos reais, a pessoa quer pagar R\$25,00 limpo, e ainda tenho que limpar, falo com você por que já vendi limpo, então é uma coisa que tinha que melhorar.

Mudou muito, evoluiu muito. Hoje tem estrada, porque antigamente não se falava estrada, era outro nome, mudou. O Assentamento parece uma cidadezinha, um arraialzinho, porque evoluiu muito. Tem gente aqui na roça que tem internet, tem gente aqui, que tem *Sky*, tem telefone que faz tudo, aqui na roça tem tudo. Você vai na cidade buscar o que não produz aqui por falta de chuva. Mas, tudo que você precisar, aqui tem.

Sei que evoluiu muito. Por exemplo, todas as pessoas aqui mora em casa muito boa, tem conforto, renda. Quase todas as pessoas aqui tem uma renda, quem não tem de leite, tem de frango, mais é a pecuária, mais é o leite. O frango tem muita gente aqui que fornece frango. A saúde é boa, tem o médico que vem uma vez por mês, o médico aqui é muito importante pra gente. Eu falo: aqui tem tudo, sabe? Tudo não, só tá faltando lazer, por que lazer nenhum, aqui tá tendo [risos].

Na minha vida, hoje que estou de idade, acho que sou uma árvore que num molha, murcha e morre se eu não tiver aqui na roça. Aqui na roça eu gosto de levantar cedo. Quando é quatro horas da manhã já estou no curral cuidando das vacas. Saio de lá e vou cuidar de porco, de galinha, rastelar quintal, mexer com horta né! O dia inteiro to mexendo com alguma coisa, então sou uma planta. Se eu

sair daqui da roça, se eu for pra cidade, sou uma planta, que vai morrer logo. Aqui pra mim é tudo, muito importante, principalmente o Assentamento que foi o que eu ajudei lutar desde o início, né? Aqui no Assentamento, pra mim é um valor sentimental, pra mim é, tão bom quando você vai lá, vou até te mostrar o tamanho desse mamão que colhi aqui [a colaboradora me mostrou o mamão]. Isso colho aqui, tudo que planto aqui, isso aqui todo mundo produz aqui. Assim pra mim tudo é aqui, aqui evoluiu muito, é um lugar bão de viver. Desde do acampamento até agora, é só paz, só beleza, ninguém quer morar na cidade, eu num quero, ainda sou do tempo que, uso gamela, tenho gamela... Oh, isso aqui é uma gamela [me mostrou a gamela]. Isso aqui deve pesar uns, quer vê aqui, essa vasilhinha aqui, deve pegar um quilo, ela é de quilo, então essa gamela deve pesar uns três quilos, porque isso aqui, na época, era quilo, mas, agora ela deve pesar uns três quilos, na época era medida, isso pegava uma medida, por eu não sabia falar quilo, só sabia falar medida, sabe? Acho que colher de pau todo mundo usa, porque eu uso, pra tudo, uso colher de pau, panela de ferro, eu uso panela de ferro também, só faço frango, carne tudo na panela de ferro, sabe?

## CAPÍTULO 5. ANÁLISES

Esta pesquisa me permitiu refletir sobre questões relacionadas à Reforma Agrária, que não me eram colocadas mesmo estando inserida neste meio. Os sujeitos pesquisados, os colaboradores desta pesquisa, trazem em suas vivências e modos de vida um ponto de vista diferenciado. Esse é um relato de sujeitos que foram a campo, lutaram, participaram e efetivaram o sonho por um pedaço de terra.

Assim, dividimos nossas análises em duas partes: na primeira, colocamos questões que envolvem as vivências na luta pela terra; na segunda, destacaremos conhecimentos matemáticos que surgem das vozes desses sujeitos e suas relações com transformações nos modos de vida no campo.

### 5.1. Vivências na luta pela terra

Apesar de os inúmeros problemas que podem ocorrer e o quanto se pode perder ou ganhar em um processo de ocupação e permanência na terra, em seus sentidos material, cultural, físico, político etc., percebemos que ocorre uma transformação na vida desses sujeitos, de modo que se sentem pertencentes e gratos por fazerem parte de uma comunidade fundada por eles próprios, repleta de muito trabalho, luta e suor.

Devo salientar que os sujeitos pesquisados relataram o quão importante é para eles a vida no assentamento em questão e que não trocariam esse modo de vida no campo por nenhum outro, declarando serem felizes na maneira como vivem. Como nos diz Dirceu, em uma de suas falas: “A vida toda gostei de roça, a tranquilidade da roça pra mim é bom, por causa disso, viver aqui, fazer o que gosto, cuidar de galinha, cachorro e o gado me atentando ai, é o que eu gosto.”

Na conversa, Dirceu conta que sempre gostou de morar na roça, que aprendeu a gostar do campo com o pai, que sempre lidou com a terra, só que trabalhando em terras alheias, de terceiros. Segundo o colaborador: *Nóis trabaivava na meia com o padrinho Roque, até a batatinha era com Avelino Teixeira, era outra fazenda, cortava a batatinha para render, pegava a batatinha jogava no chão, jogava água e arrumava.* Ainda segundo Dirceu:



*Quando eu era criança de sete ou oito anos, nós morava em Arcos, meu pai capinava roça era com cavalo, eu estudava na parte da tarde e minha irmã na parte da manhã, na época era cavalo, era boi, puxava o cavalo até a hora do almoço depois ia almoçar e ir pra escola. A minha irmã chegava e pegava meu lugar puxando o resto da tarde, entendeu? Meu pai tocava roça demais e não punha companheiro pra capinar, capinava tudinho na base da carpideira e boi, nós menino ajudava, era roça grande, a roça do meu pai dava mais de vinte hectares de lavoura. Tocava sozinho com nós, só arroz na época da colheita, aí ele punha um companheiro pra ajudar, mas o resto era só nós. Capinar, tudo era só nós e os bois, aí eu aprendi. Vim pra cá e trouxe essa metodologia comigo. (Dirceu)*

Os colaboradores relatam que viviam trabalhando em terras alheias, vendendo sua força de trabalho sem nenhum direito e vivendo em condições precárias, muitas vezes em troca de teto e comida. Na maior parte das vezes, começaram a trabalhar desde criança para ajudar os pais a criar os irmãos, sofrendo violências e humilhações, como nos diz a entrevistada Maria Abadia:

*Filha de uma fazenda chamada Fagundes, nasci e cresci nesta fazenda. Desde de pequenos, até os seis anos, a gente tinha tanta responsabilidade, ajudava a mãe cuidar dos irmãos menores. Minha mãe sempre teve aquela meninada, somos nove, com sete anos mudou uma família pra essa fazenda e eu fui cozinhar, ajudar, trabalhar, nessa fazenda tinha sete anos, era uma criança, né? Quando chegou lá a mulher, me pôs pra cozinhar. Minha família era tão pobre que tinha necessidade de trabalhar pra ajudar minha mãe com outras crianças, as vezes não tínhamos nem o que comer, né? Colocava o banco na beira do fogão, subia no banco pra fogar [refogar] arroz, fui crescendo assim, vendo minha mãe naquela miséria, pobreza danada. Eu queria trabalhar pra ajudar. Nesse lugar minha mãe buscava a gordura, o arroz, tudo no meu trabalho, fiquei nessa fazenda até os nove anos. Meu pai era assim, só ligava pra comida, pra ele se tivesse comida tava bom. Minha mãe não, ela pensava que a gente tinha que ter uma roupa, um calçado, mas cadê a condição, não tinha, a gente andava de qualquer jeito. Ninguém falava nada e nem ria de nada, fui e trabalhei, nesse lugar até os nove anos para ajudar minha família.*

*Minha mãe era tipo, igual escrava, se uma pessoa chegasse lá, pedisse: “me empresta sua filha, trabalhar pra mim”, se for contar o que aconteceu na minha infância, não esqueço de nada, eu deito e fico pensando. Fui, trabalhava nessa fazenda e a irmã da dona, foi lá e pediu minha mãe pra emprestar eu pra outra pessoa, pra olhar menino, uma criança, não dava escola, não dava nada, sabe? Fui lá cuidar das crianças, uma criança cuidando de outras. Tava cuidando das crianças, tinha a cozinheira. Nessa casa tinha um porão e a dona da casa, a patroa, mandou fritar mandioca com ovo, sabe?*

*Quando foi na tarde os meninos dela comeu, a mandioca frita com ovo que sobrou do almoço, a empregada falou: “mandioca que tava ali sumiu, comeu tudo”, e a patroa logo virou pra min e falou que tinha sido eu, falei: “não comi”, ela falou: “foi sim”, me bateu e falou: “a tarde você vai comer um prato de comida que você nunca comeu na vida”. Eu era criança. Quando foi de tarde, sentei em uma escada, ela veio com um prato de comida, fez eu comer, me batendo, sabe? Sendo que tinha falado que não tinha sido eu que comi, né? Pai me buscou, me levou pra roça, nós fomos tudo pra enxada, pra capinar. (Maria Abadia)*

Nesse sentido, compreende-se a dimensão do valor para esses sujeitos a aquisição do pedaço de terra, que vem para cada um como um todo, disponibilizando um leque de possibilidades, como a realização de sonhos pessoais e coletivos, de emancipação, de realizar atividades dentro das próprias condições físicas e morais, deixando de lado o “depende” dos outros para sua própria subsistência, deixando de estar mercê das vontades de um empregador. Como nos conta Maria Abadia:

*Um dia nós tinha saído da fazenda onde trabalhávamos, e tava na cidade caçando outra fazenda pra ir, quando chegou, não lembro a data do mês, mas, lembro que foi numa quarta-feira muito chuvosa, e nós vivia sofrendo demais nas roças. Nunca tinha ouvido falar de reforma agrária. [...] Aí catou as panelinhas e veio, aquele tanto de ônibus, caminhão, veio. Cada um fez uma barraquinha no meio do mato. Sei que tudo isso era mato e tinha as estradas principais. Lembro que vim, por que era assim, alguém tinha que trabalhar pra sustentar a comida aqui, até governo mandar aquele fomento, cada um fez, uma barraquinha debaixo de chuva, tinha mulher com menino, aquele tanto de gente, mulher com menino, parecia que a gente tava no paraíso, sabe? Aquilo de pensar assim: “já passei por tanta coisa ruim nessa vida e hoje eu tô no paraíso”. Olhava, ficava aquela alegria, pensava assim: “agora eu tenho uma terra que é minha”, pensava, era só acampamento, tudo barracado, mas, a gente era tao infeliz, tão pobre, que aquilo era maior alegria do mundo. [...] Quando cheguei fiquei muito feliz. Foi aquela coisa, o fulano me maltrato tanto na fazenda dele, agora tenho uma fazenda de minha, hoje tenho isso aqui que é meu. Fui tão humilhada, maltratada e hoje isso aqui é meu. Quando era época de prantar, você queria prantar, foi uma coisa muito boa que aconteceu na vida, não só minha, mas de todos. (Maria Abadia)*

O esforço para se alcançar um pedaço de terra requer sacrifícios, abdicar de outros sonhos, de modos de vida, mas, em contrapartida, traz esperança, traz expectativa de dias melhores, de um por vir com dignidade, de escolher como e

quando realizar atividades; fazer parte de uma organização, de uma cultura, de uma comunidade e de fazer por querer, por gostar. Nesse sentido, Maria Abadia descreve:

*A organização era, você tinha que dar uma contribuição para manter as despesas, quem não ficava acampado dava uma contribuição, pra manter as despesas de quem tava acampado, né? Porque era justo, um tinha que ajudar o outro, senão, como ia manter o acampamento? Vivia assim, não lembro direito, mas vivia de doação até chegar o fomento. [...] A gente lutava muito, por coisas melhores, melhoria do acampamento, um queria uma coisa, outro queria outra, era maior felicidade de todo mundo e minha também, maior alegria, uns ficava contando tenho uma terrinha, né? E quando surgiu a maneira de dividir, cada um pegando o seu, um fazia um barraco daqui, outro fazia um barraco dali, tudo de madeira a pique, rancho foi bom pra mim e pros meus filhos, foi bom demais. [...] tô aqui desde de o acampamento, então assim, não me vejo fora daqui, então o meu sonho é que o governo legaliza a gente, pra pessoa ver que aquilo não foi em vão, a luta, a necessidade. (Maria Abadia)*

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos antes e durante o processo de luta pela terra, os entrevistados se sentem dignos da trajetória vivida, das relações construídas, do desenvolvimento que ocorreu durante o período; são gratos por terem participado, vivido e lutado para, hoje, ter um pedaço de terra.

Há nas vozes dos colaboradores um reconhecimento por aqueles que encabeçaram a liderança, que estiveram à frente e que levaram outros, que “colocaram a mão na massa”; aqueles engajados no trabalho braçal, mas também na função burocrática; aqueles que cooperaram com as conversas, levando as demandas até as autoridades, que organizavam os eventos e manifestações, que tiveram que aprender sobre leis, regulamentos e como se comportar diante de práticas formais; aqueles que desempenharam um papel importante para podermos estar aqui hoje, com toda essa organização, estrutura e reconhecimento como um[ assentamento de Reforma Agraria. Segundo Damiron: *Meu pai era leitor de um jornal muito voltado à reforma agraria, pensei: “vou pegar a bandeira e vim trabalhar”.* Acho que não teve um acampamento organizado igual ao nosso, a gente tinha banheiro, fossa seca pra todo mundo usar, nós compartilhávamos água, leite.

Para os colaboradores, o assentamento é mais que uma conquista individual, um pedaço de terra para plantar e colher, ou para simples provimento econômico. É

um projeto de vida, com princípios relevantes, com o anseio de transformação social, econômica e, sobretudo, de pessoas, configurando-se como um modo de vida. Nas palavras de Damiron:

*Na verdade, dei minha vida. Tudo que achava que deveria fazer, fiz. Se morrer hoje, sinto glorificado, na verdade. Medi estrada, fiz picada, era engajado mesmo, sei que tem muitas pessoas importantes na luta pela terra, muitas pessoas que as vezes não é glorificado, que não é homenageado, mas, me sinto gratificado pelo que eu fiz. Na verdade, você não tava só pela terra, não só pelos outros, queria ter minha terra também, não era uma luta só pro povo. [...] Isso daqui é minha vida, não existe outro lugar no mundo, é meu lugarzinho de viver, apesar, de estar antissocial, quase não saio, mas, viver no Assentamento pra mim é sucesso, uma construção, tudo que tem, ajudei a construir, mesmo que as pessoas não acham, quando você está em um lugar, sabe que ajudou a construir. Você olha árvores que plantou, as casas que construiu, água que ajudou arrumar, então você fica, é o lugar que eu quero continuar viver. (Damiron)*

Para Damiron, a vida no assentamento mudou muito economicamente, não só em termos de “ganhar dinheiro”, mas em estrutura, em ideologias, nos modos de produzir e de se relacionar. O desenvolvimento tornou-se necessário para o bom andamento da comunidade, para acompanhar também o mundo que está em constante transformação. *Hoje mudou, na verdade. Vejo o assentamento sem o comunismo, sem o socialismo, sem a divisão das coisas, não tenho prazer de ir na casa de um vizinho. Não é só eu não, é todo mundo, diz Damiron.*

*Mudou. Se você pega por mim, pode escrever isso, tenho oito dias que estou aqui, não fui a lugar nenhum. Quando você tava no acampamento, você andava de barraca em barraca. Hoje não tem aquela familiarização, aquela união; é todo mundo individual. Você tira seu leite, produz sua comida, ninguém tem mais aquela afinidade que tinha. Agora, nesse aspecto, acho que piorou, você não tinha nada, não tinha terra, não tinha gado, mas compartilhava uma coisa com o outro. Até depois que saiu do acampamento nos fazia mutirão, roçava pasto um do outro, na hora de colher um arroz, a gente trabalhava junto, e um ajudava outro. [...] o Assentamento que mais produz leite pra COOPERVAP é o nosso, então mudou, quem tirava vinte litros de leite, trinta litros de leite, hoje tá tirando duzentos, trezentos litros, então economicamente, esse é um dos assentamentos mais desenvolvidos de Paracatu, agora vida intelectual, tem você, eu, Eliene e algumas outras pessoas que desenvolveram intelectualmente, digo que tá estudando, fazendo*

*faculdade, pós-graduação, né? (Damiron)*

O “desenvolvimento” que se fala no assentamento depende também do ponto de vista, dos conceitos e dos valores que cada um possui. Apesar do reconhecimento da importância do progresso material na vida dos assentados, esse “desenvolvimento” é colocado em questão através da fala do entrevistado.

*Em uma reunião de associação hoje, não tem mais cavalo, não tem mais carroça, é carro, é moto, isso é necessário. [...] No ponto de relacionamento acho que enfraqueceu a comunidade, hoje a comunidade enfraquece pelo desenvolvimento, por que o desenvolvimento nosso não é um desenvolvimento sustentável, é um desenvolvimento econômico capitalista. Que deixa a mercê do negócio, falo que o Assentamento hoje, todo lote virou um agronegócio, ninguém consegue mais familiarizar com ninguém, compartilhar com ninguém, essas mudanças, mesmo sendo necessárias, mata a questão da intelectualidade, mata a questão da conversa. [...] Nós desenvolvemos muito, mas a vida pessoal não tem desenvolvimento. Exemplo, tá cheio no Assentamento de quem planta transgênicos, produz silo, produz leite e não estão nem ai com veneno. Agora quem quer uma vida agroecológica, de produção agroecológica você não acha. Assim, tem um desenvolvimento e outro desenvolvimento. Não importo muito com as coisas, sou tranquilo, de viver, não preso riqueza, pra mim o Assentamento tá acabando, pra uma pessoa que presa riqueza, o assentamento tá evoluindo. (Damiron)*

Nessa direção, Maria Abadia relata que desde que conheceu a Reforma Agrária a sua vida transformou de tal maneira que passou a ver o acampamento como algo certo, definitivo, como se de fato essa terra já fosse de cada um. Ela diz que já se sentiam pertencentes àquele espaço, sem nenhuma certeza de que conseguiria de fato permanecer, cada um, na sua porção.

*A vida da gente mudou muito quando surgiu esse acampamento, foi uma coisa muito boa, tirou muita gente da cidade, falo não pelos outros, mas por mim mesma, gente que vivia só de roça em roça, então surgiu a oportunidade de ter um pedacinho pra você, trabalhar pra você mesmo, né? Cada um plantava um trem, plantava outro, a gente cuidava daquilo com muito amor e carinho. [...] No acampamento, quando saímos da cidade e viemos pra cá, já foi uma coisa marcante, porque todo mundo que tava ali, inclusive a gente, tava confiante que aquilo era nosso. A gente não pensava que podia dar errado, só que ia dar certo, foi muito marcante na vida da gente, boa a relação de todo mundo que morava aqui, era maravilhoso, a*

*melhor ideia foi, esses Assentamentos, mudou a vida de muita gente, inclusive eu, que não aguento morar na cidade, a minha vida é a roça, eu nasci, cresci e tô com 64 anos na roça, né? (Maria Abadia)*

Após todos esses processos enfrentados e o percurso percorrido, vem então a vida no assentamento, que começa a modificar a estrutura e a maneira de viver, de se relacionar dentro da comunidade. Os costumes já não são os mesmos, nem os meios de resolver os problemas do coletivo, os objetivos na sua maioria passam a ser de cada um, de forma distinta. Cada um com sua própria meta, na sua parcela.

*Quando a gente não tinha uma coisa, a gente ia no vizinho, me ruma isso aqui, eu não tenho ainda, era uma benção aquela época. Hoje é assim eu falo por que vejo, escuto, só que fico calada no meu canto, antigamente fazia uma reunião não tinha casa, fazia uma reunião debaixo daquela árvore, todo mundo do acampamento tava lá, todo mundo. Antigamente assim, a gente assinava a ata, o caderno, mas você podia ver o caderno, ele tava de assinatura de cima em baixo, então todo mundo tava lá. Se falasse assim: “gente vamos roçar aquele pasto”, todo mundo ia ajudar a roçar o pasto, enchia de gente. Hoje faz uma reunião, tem um, dois, três, quatro, cinco, seis gatos pingados [...]. Mudou muito, evoluiu muito. Hoje tem estrada, porque antigamente não se falava estrada, era outro nome, mudou. O Assentamento parece uma cidadezinha, um arraialzinho, porque evoluiu muito. Tem gente aqui na roça que tem internet, tem gente aqui, que tem Sky, tem telefone que faz tudo, aqui na roça tem tudo. Você vai na cidade buscar o que não produz aqui por falta de chuva. Mas, tudo que você precisar, aqui tem. Sei que evoluiu muito. Por exemplo, todas as pessoas aqui mora em casa muito boa, tem conforto, renda. Quase todas as pessoas aqui tem uma renda, quem não tem de leite, tem de frango, mais é a pecuária, mais é o leite. O frango tem muita gente aqui que fornece frango. A saúde é boa, tem o médico que vem uma vez por mês, o médico aqui é muito importante pra gente. Eu falo: aqui tem tudo, sabe? Tudo não, só tá faltando lazer, por que lazer nenhum, aqui tá tendo [risos]. (Maria Abadia)*

Assim, na medida que foram avançando os processos de luta e conquistas no assentamento, foram modificando também os modos de vida desses sujeitos, tanto nas técnicas de lida diária, quanto nas relações estabelecidas dentro da comunidade.

*Eu tava junto em todos os movimentos, porque eu queria a terra e se eu não me unisse, não participasse e não desse a minha força, poderia às vezes fracassar, não sair, né? Então tinha que todo*

*mundo unir, dá força. O povão todo era o seguinte: quando nós estávamos acampados, como nós tínhamos uma diretoria, uma liderança dentro do acampamento, por exemplo, tinha até um livro de presença que o pessoal assinava, tinha gente pra organizar o assentamento pra não deixar bagunçar, pra não entrar pinga, entrar desrespeito, entendeu? Até porque tinha muita família e têm aqueles que bebe um tiquim... Então, pra não deixar ultrapassar, tinha essa organização, a liderança do acampamento. [...] Na época do acampamento todo mundo concordava, começou da roça comunitária. Foi a primeira roça comunitária que nós plantamos lá em baixo. Vamo plantar pra nós poder crescer. Todo mundo foi trabaiá, entendeu? No começo todo mundo pensava em trabaiá unido pra crescer o assentamento. O dia que saiu o seu lote, acabou, virou todo mundo individual. (Dirceu)*

Todos relembram e relatam a modificação nos modos de viver com as mudanças durante o progresso da comunidade, como de estruturação, de políticas públicas, de técnicas de trabalho, de avanço tecnológico, de atividades econômicas, e também as que envolvem conhecimentos matemáticos, como veremos na próxima seção. Contudo, a modificação que parece mais ter peso para os entrevistados foi a de relacionamento. Essa transição do coletivo para o individual, tanto nas atividades do dia a dia quanto na atuação frente aos interesses em comum do assentamento, é fortemente marcada por eles.

A partir das falas dos colaboradores sobre suas vivências no acampamento e no assentamento, aprendo que todas as lutas enfrentadas no acampamento e, mesmo hoje, no assentamento, com todo o processo construído e a mudança necessária, vejo que os colaboradores se sentem pertencentes à história e ao lugar onde vivem, assim como eu, sentindo-se libertos e emancipados de um sistema de servidão e “escravidão”, que é trabalhar em terra alheia. Mesmo sem um documento definitivo ou investimentos governamentais, mesmo com as dificuldades do dia a dia, sociais e de relacionamento, os colaboradores destacam o sentimento de que, se fosse preciso, passariam por tudo outra vez e que não imaginam viver em outro lugar. O progresso em si, já constituído até o momento, não é o inconveniente viver na comunidade, mas a mudança que esse desenvolvimento desencadeou nas relações, na unidade do grupo, na organização da comunidade. A unidade da época do acampamento, que os colaboradores relatam com orgulho e saudade, passa a ser retratada como o oposto daquela época, enfraquecendo o movimento. A comunidade é vista não só estruturalmente, mas de modo pessoal, coletivo e

humano.

## 5.2 Os conhecimentos matemáticos e os modos de vida

A vida no campo requer um trabalho árduo e múltiplas tarefas nas quais são necessários conhecimentos específicos, saberes e fazeres que são adquiridos através da experiência na lida com a terra desde cedo. Realizando esta pesquisa, descobri através dos entrevistados e de seus modos de vida que são conhecedores e praticantes de atividades que envolve conhecimentos matemáticos. Até então, mesmo vivendo e praticando algumas dessas atividades, não via esses conceitos ali presentes, que eram conceitos ensinados na escola, mas que não conseguia relacionar por ser praticado de uma forma peculiar e não escolarizada.

Em uma de suas falas, Dirceu conta-nos sobre essas questões:

*Até media a divisa, eu e sua mãe, por exemplo, media uma corda com essa trena, media quarenta metros na corda, passava a corda medindo para achar o centro do lote, e assim fazer a cerca da divisa, parece que deu certo, medi as duas cercas e nunca foi mudado, a cerca tá aí até hoje. (Dirceu)*

Dentre esses saberes e fazeres que envolvem conceitos matemáticos, os entrevistados afirmaram que tinham seus próprios modos e instrumentos para medir, por exemplo. Com o passar do tempo, essas práticas foram se modificando. É isso que sugere as falas de Damiron e Dirceu a seguir:

*Lembrei que quando era criança, tinha o prato, prato de polvilho, prato de farinha, lembro de minha mãe tinha esse negócio de fazer, vamos supor, se ela fosse fazer um pão de queijo, era um prato de polvilho e o mesmo prato de queijo. Essa medida é a mais antiga que tem, o prato. Quando minha mãe morava ali, onde é o lote de Amarildo, não tinha balança, não tinha nada, ela usava, o prato, não esse prato normal que tem hoje, é aquele prato esmaltado, equivale a aproximadamente um quilo. (Damiron)*

*Olha minha cuia, de tratar de galinha, tenho minha cuia até hoje, calculo que a cuia é três litros, bem cheinha é três litros, aquela cuia é de pegar fubá, pô pra cozinhar para os cachorro e jogar milho pra galinha de manhã cedo, tenho a outra, de levar sal pro gado, não mudou pra mim. Hoje por exemplo, ninguém usa isso mais, ninguém usa essas coisas de cabaça, passou todo mundo pro alumínio,*



*plástico é comprado na cidade, entendeu? (Dirceu)*

Outro ponto que parece ter influenciado as práticas matemáticas no passar do tempo são as relações entre os membros da comunidade. Os colaboradores relatam como as práticas de medição e de comercialização dos produtos eram marcadas pela coletividade, usando palavras como “honestidade” e “confiança”, afirmando que isso se perdeu, em certa medida, com o passar do tempo. É o que relata Dirceu, quando diz da comercialização do peixe:

*Acontece o seguinte, por exemplo, o peixe que eu vendia é por tanto, esse vale tanto, pronto era na confiança, era por tamanho e por espécie. O peixe na época era três reais o quilo, se alguém chegasse pedindo dez quilos de peixe, eu trazia a sacolinha com os peixes colocava aqui [mesa] e falava: “aqui tem mais de dez quilos é pegar ou largar”. É claro que ocê pegava eu sempre punha para mais, porque tinha fatura de peixe, qualquer tanto de dinheiro que entrava pra mi, na época era lucro, entendeu? Qualquer pessoa que chegasse eu fazia isso, tenho freguês até hoje. Para Divino Preto, até hoje e faço assim, se eu vendo um peixe ele pesa dois quilo e meio ou dois e oitocentos. Hoje eu tenho balança, esse negócio de duzentos, trezentos grama, não faço conta. (Dirceu)*

Nessa mesma direção, Maria Abadia diz:

*Lembro que na época do acampamento a gente ainda plantava cabaça, lembro que nos plantamos muita cabaça, você não tinha peso, não tinha balança, não tinha nada, a gente fazia um cálculo pela cabaça, né? Essa cabaça pesa tantos quilos, ia como aquele peso de quilo. Tudo era cabaça. [...] A gente sabia pelo peso da cabaça, essa cabaça pesa, o produto com uns dez quilos, de tão grande que ela era, e ia por aquilo, só pelo olho mesmo. A pessoa levava aquilo e pra gente também era aquilo, porque não tinha como medir, era relação de confiança e honestidade. Igual tô falando: era tão unido, as pessoas assim, vamos supor, eu falava: “me ruma ai um litro de farinha”. Tinha uma cuia específica, ela era um litro de farinha. Um litro que fala quilo, mas era litro, a gente não falava quilo, falava litro, né? Não falava peso, era medida. Eu nasci, cresci vendo falar que era medida. [...] Então no acampamento era tipo assim, era tudo na medida, a gente não chegava, assim: “me dá um quilo de farinha”, não. “Me dá uma medida de farinha” e já tinha aquela vazia lá. A gente nem pesava, logo media e tirava, não tinha discórdia com ninguém, era aquilo, porque tinha confiança e honestidade. Mudou, mudou, por que, você vai lá pesa, repesa e a pessoa ainda desconfia, a desconfiança tá sempre ali, assim a gente é honesto, aqui tem muita gente errada, mas as pessoas são honestas, pessoal mais velho, todos são honestos, não tô falando que os novos não, tá*

*me entendendo? A gente é honesto, as pessoas você pesa aquilo e a ainda tá errado esse peso, tem que pesar de novo, e fica falando: “acho que esse peso tá errado”. Sô, mais tá ai, olha pro cê vê, a gente fica com medo daquela pessoa tá desconfiando, né? (Maria Abadia)*

Maria Abadia acredita que “peso” e “medida” são diferentes, tendo como base para essa diferença a mudança nas práticas ocorrida entre o tempo passado e o tempo presente. No passado, o que se chama de “medida”, eram utilizados instrumentos próprios, como a cabaça de diferentes tamanhos, a relação entre as pessoas e o ato de medir eram baseadas em confiança e camaradagem. Hoje, no “peso”, utilizam-se atos formais de venda, em gramas, quilos, com etiquetas etc.; com instrumentos impostos pelo sistema capitalista, nos quais o que se comercializa tem somente valor monetário e não mais social, sentimental, de compartilhamento e de ajuda mútua. Para a colaboradora, esses mecanismos e processos de comercialização impostos pelo sistema capitalista não se desassociaam do relacionamento social. Por isso, para ela, não importa se está sendo pesado em um balança de precisão ou na medida como na cabaça: o que importa é a intenção, a relação exposta no ato de medir.

Há nas falas, também, indicativos de diferenças entre as medidas e as suas unidades, mesmo recebendo o mesmo nome. É o que traz Dirceu ao falar do “alqueire”. Essa diferença pode ser comum quando pensamos que a formação do acampamento trouxe pessoas de diferentes localidades.

*Porque não existia balança. Meu pai vendia, por exemplo, um o saco de feijão, num era sessenta quilo, cinquenta quilo, era oitenta litro, entendeu? Então tinha as lata de vinte litro pra medir. O negócio era alqueire, um alqueire de arroz, de feijão, o alqueire cada lugar tem uma medida, na minha terra é oitenta litro, aqui em Paracatu ele é sessenta quilo. Aqui em Paracatu o alqueire vale um hectare, oitenta litro de feijão. Em casa nós já comeu nessa cuia de cabaça, quando ocê coloca uma coisa quente ela fica chiado. (Dirceu)*

A leitura das falas indica que os sujeitos passaram a usufruir de maneiras de produzir e comercializar mais formais, usando o modelo do capital e do mercado nas negociações de compra e venda dentro e fora da comunidade. Essas maneiras exigem, por exemplo, instrumentos de medida mais precisos, aumentando a

distância entre as gerações, como relata Damiron:

*As coisas mudaram muito, tô velho, se você for em Silvío comprar um peixe, por exemplo, a balancinha dele é eletrônica, não é mais daquela de pô um peso de lá, outro peso de cá, assim vai, se você manda o leite, mede é na régua, essa régua é milimetrada, por exemplo, se der cem litros e nove milímetros, aparece na régua. As coisas mudaram, muito mesmo nessa questão de medida, de peso, antigamente você vendia um queijo, vendia a peça, hoje não vende peça de queijo mais, vende o quilo, a grama. As mudanças elas são necessárias, num é que a mudança seja ruim ou boa, ela é necessária, acredito que é o processo da vida da gente. (Damiron)*

Essas relações de confiança presentes nas práticas matemáticas também parecem ser consideradas quando os colaboradores contam das relações entre suas formas e instrumentos de medir e aqueles utilizados pelo Estado, principalmente por órgãos como o INCRA. Dirceu fala das relações dessas relações:

*Quando saiu isso aqui, foi o seguinte, o primeiro agrimensor nós pagamos e entramos pra dentro do lote, aí depois o INCRA veio só conferiu. Quando é pra medir dentro do lote, eu meço no passo, meu passo da 80 centímetros, quer dizer é quase um metro, então é tudo mais ou menos igual. Quando saiu o primeiro financiamento de mandioca, a gente tinha que plantar duas hectares, aí medi no passo, depois veio uma fiscalização medir, foi Alisson irmão de Faustinho que veio com técnico medir, tinha passado uns metro pouco. Eu tenho trena, medir o passo na trena, andei vários passos e medi na trena, na poeira andei, devido eu ter trabalhado em metalúrgica, quando eu vim pra cá em já trouxe trena e de vinte metros, quando eu trabalhava em metalúrgica eu ajudei muito montar barracão de estrutura metálica, a gente usava a trena grande né? E aí eu tenho essa trena, e foi a trena que me ajudou a medir muitas coisas. (Dirceu)*

Na fala de Dirceu, percebe-se que ele utiliza modos próprios de medir que traz de suas vivências antes de ser assentado. Usufrui do seu conhecimento e dispõe do próprio passo para medir dentro da parcela, mesmo que posteriormente venha o órgão fiscalizador e refaça a medição. Ao que parece, para ele, as necessidades do dia a dia são mais importantes do que os processos formais. Ele mantém seus modos de medir, traços de suas vivências, nas atividades dentro do lote, e parece não se importar com muita preocupação se as suas medidas coincidirão com aquelas realizadas pelo INCRA, por exemplo. Relevante não é a

exatidão, mas realizar suas ações em tempo hábil para suprir as necessidades, naquele momento, dentro do lote. Em outras falas, Dirceu e Damiron reforçam essa discussão:

*Acho que não mudou, o que que acontece: hoje se eu for ali e abrir meia hectare de capim, num vou trazer um agrimensor, continuo medindo no passo, por que não compensa trazer um agrimensor pra medir, terei que medir na trena, na corda, no passo entendeu? Mais ou menos o cálculo. (Dirceu)*

*No início, primeiro nós pegamos a corda, de cabo, corda de cinquenta metros. Abrimos as estradas de cinquenta metros, porque a gente sabia que, se não abrisse elas, na hora que o INCRA chegasse, num ia bater com a medida das estradas. Sabia que tinha que ter pra passar água e luz, então já medimos. A técnica nossa era corda, depois o INCRA veio e mediu com aparelhos. (Damiron)*

*Na verdade, nós viemos pra cá e ocupou a fazenda, não tinha noção do tamanho era a terra, aqui na verdade era três gleba, era Barreiro, Barreirinho e Trairás, na época de nos medir foi uma confusão danada, por que fulano queria só no Barreirinho, ciclano queria só nas Trairas, ou só no Barreiro. Nós tínhamos que medir conforme o tamanho, então Almir Paraca deu um apoio muito grande, colocou o trator de esteira pra abrir, mas as picadas foram feitas entre nós. A gente fez assim: vinte oito hectares o lote tal, vinte cinco hectares o lote tal, vinte hectares lote tal, nós olhamos pela terra, conforme fosse, se pegasse córrego [água] era menor, se não pegasse era maior. Depois o INCRA veio redividir, por exemplo, meu lote era vinte e quatro hectares, passou pra trinta e um. (Damiron)*

Assim, podemos dizer os colaboradores trazem à tona as mudanças que ocorreu durante o processo de construção e efetivação da comunidade e também com o passar dos anos, seja na estruturação, na busca por políticas públicas de direito, nas relações, nas técnicas de produção, na questão econômica e na maneira como os sujeitos lidam com as atividades que envolvem conhecimento matemático.

Para encerrar, gostaria de trazer uma fala de Dirceu, destacando um trecho:

*Quando eu era menino as medidas que eu via era o prato, a pessoa comprava um prato de farinha, tinha umas lata de dois litro de óleo, de banha, e uma lata daquela era um prato, a pessoa: “eu quero um prato de farinha”, é dois litro de farinha. Isso mudou com o tempo, hoje ninguém utiliza mais não. **Porque acontece o seguinte: essa metodologia era nossa na roça, era época do interior, era um Brasil mais atrasado, não era evoluído igual hoje.** (Dirceu)*

Nesta fala, Dirceu nos passa a ideia de que o tempo passado ao qual se refere, a vida no interior e os instrumentos utilizados para medir, são um tempo de um país atrasado, sem evolução. Parece não reconhecer, então, que aqueles métodos e instrumentos eram tão importantes e legítimos como os de hoje, e que essas práticas não são mais evoluídas, contudo sofreram mudanças e interferências com o passar dos anos. Acreditamos que essas mudanças influenciam não somente no modo de produzir e comercializar, mas também no modo de viver e pensar não só no interior, mas de grande parte da população. Assim, como diversos setores o campo, os métodos de medida e os instrumentos usados para medir foram influenciados pelo sistema capitalista, pelas leis do Estado, pela normatização da terra e os avanços tecnológicos e suas consequências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu mostrar o que é um assentamento de Reforma Agrária, constituído através de uma ocupação, evidenciando o nosso ponto de vista e a importância que esse movimento tem para os povos do campo. Considerando os relatos dos colaboradores, foi possível perceber durante o trabalho de campo as mudanças que ocorreram entre o processo de acampamento, a efetivação do assentamento e os dias atuais, como modificações nos modos de vida, nas práticas cotidianas, nas relações, nos processos coletivos e na organização da comunidade.

Na transição do acampamento para o assentamento, começou, segundo os nossos colaboradores, a mais significativa das mudanças, pois os sujeitos deixam o núcleo da unidade, seja em vivências e ações ou no próprio espaço físico no caso dos barracos próximos uns dos outros para se estabelecerem sozinhos cada um na sua gleba, com seus desafios individuais, começando aí o distanciamento social.

Os métodos e as práticas de produção que utilizam conhecimentos matemáticos, em nosso entender, também sofreram interferências do capital, do Estado, da regulamentação das técnicas e dos instrumentos de medir, dos avanços tecnológicos etc. Essas interferências influenciaram diretamente nas relações interpessoais e na maneira como lidam com a produção e comercialização entre eles mesmos. São, por exemplo, induzidos a produzir leite para sobreviver e ter uma certa estabilidade. A produção de leite, com a interferência da cooperativa, vem formando agricultores com perfil individual, já que utilizam mecanismos impostos pela instituição, não somente para o aumento ou a qualidade do produto, mas para a individualização, com cada um em seu lote e poucas práticas que fortaleçam o coletivo, a unidade ou a comunidade nesse sentido.

Apesar das mudanças e interferências sofridas, os sujeitos reafirmam suas identidades camponesas, mantendo metodologias e práticas próprias, visando suprir suas necessidades, deixando os processos burocráticos e formais de lado; utilizando instrumentos e utensílios que usavam antes desse período; tentando conservar os conhecimentos e os costumes que viviam, seja nas habilidades matemáticas ou nas relações de companheirismo na realização da produção e comercialização dentro da comunidade. Se pensarmos em todas as conquistas que tivemos até hoje, tivemos

significativos progressos, mas, contrapondo-se esse “progresso”, percebe-se que voltamos a engatinhar enquanto grupo, coletivo e humano e precisamos retornar a unidade se quisermos resistir aos retrocessos efetivados nos últimos anos.

Nas relações, confesso que me sinto, como mulher assentada, um pouco perdida: as mudanças estão aí, isso é nítido, mas o que fazer para reverter essa realidade? Estamos falando da unidade que começou a se perder desde a mudança do acampamento para o assentamento, visto que são mais de duas décadas de perda gradativa. Provoco o leitor a refletir, junto comigo, sobre o que pode ser feito para resgatar o espírito de coletividade e a vontade de pertencer ao grupo, para lutar e resistir juntos pela melhoria da comunidade e ao que está por vir.

Os resultados obtidos nesta pesquisa contribuíram para um melhor entendimento do meio onde vivo e das práticas que julgava inexistentes até o momento das entrevistas. Os colaboradores me mostraram em seus relatos que as práticas que envolvem conhecimentos matemáticos ainda resistem, mas que foram moldadas por influências externas.

Como professora que estou me tornando, a pesquisa pode contribuir com discussões para na sala de aula, com atividades que possam propor um resgate desses saberes e fazeres que estão caindo no esquecimento. Assim, a pesquisa contribuiu com a minha formação como docente da Educação do Campo, na habilitação em matemática, e para a formação de futuros alunos, compreendendo o meio em que vive.

Além do ser professora, a pesquisa contribuiu para o meu crescimento pessoal e humano, trazendo à tona o sentimento de pertencimento ao grupo e despertando a vontade de fazer parte da unidade que hoje se perdeu, mas que se originou o assentamento, manifestando ainda mais o desejo de ajudar os outros.

Os resultados obtidos, assim como as narrativas, oferecem um suporte teórico rico, pois são contadas as memórias no interior do movimento, trazendo questões sobre esse assentamento, tais como os modos de vida dos assentamentos e as práticas matemáticas, de modo que futuros leitores e pesquisadores interessados na história da comunidade tenham informações sobre o seu surgimento e desenvolvimento.

A narrativa me fez enxergar que tanto as pessoas quanto o lugar são fontes

repletas de histórias e conhecimentos, o que me estimula, como pesquisadora, a compreender de modo mais aprofundado a formação de minha comunidade, bem como a vida das pessoas e os processos dos movimentos sociais organizados, dando ênfase para a luta e as conquistas dos povos do campo, e de outros povos em outros setores, dando voz e visibilidade, ao menos academicamente, a história de grupos socioculturais que vivem à margem da sociedade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAFIN, I. **Texto trabalhado durante o 3º módulo do curso Regional de Formação política sindical da região nordeste**. 2007. Disponível em: <<http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-alfin---2007.pdf>> Acesso em: 1 ago. 2019.
- ANTUNES-ROCHA, M. I. **Da cor da terra: representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- BARCELOS, V. H. L. Escrita do mundo em Octavio Paz: uma alternativa pedagógica em educação ambiental. In: SATO, M.,; CARVALHO, I. **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- BRASIL. Lei Nº 4.504, de 30 Novembro de 1964. **Dispõe do Estatuto da Terra, e dá outras providências**. Câmara dos Deputados. Brasília, 1964, 43 p. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4504-30-novembro-1964-377628-norma-actualizada-pl.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- BRASIL. Lei Nº 8.629, de 25 de Fevereiro de 1993. **Dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, previstos no Capítulo III, Título VII, da Constituição Federal**. Presidência da República. Brasília, 1993. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8629.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8629.htm)>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- CAPPELLE, M. C. A.; BORGES, C. L. P.; MIRANDA, A. R. A. **Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração**. In: VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 6º, 2010. p.2 Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eneo117.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2019
- CASTRO, L. M. B. **Terra Memória: Experiências de lutas pela terra e assentamentos de reforma agrária em Minas Gerais: O caso da região noroeste**. CEDEFES, 2015.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41. Disponível em: <<https://corpoemtransito.wordpress.com/2015/04/08/denzin-lincoln-2006/>> Acesso em: 31 mar. 2019.
- GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. **Elementos da História da Educação Matemática**. São Paulo, SP: UNESP Cultura Acadêmica, 2012.

GHEDINI, C. M. Educação do campo; história e processo na luta por direitos. In: MENEGAT, A. S.; TEDESCHI, L. A.; FARIAS, M. F. L. (Org). **Educação, relações de gêneros e movimentos: um diálogo necessário**. Dourados: UFGD, 2009, p.25-42.

MENEGAT, A. S. Mulheres assentadas abrem novas portas. Quais as portas? In: MENEGAT, A. S.; TEDESCHI, L. A.; FARIAS, M. F. L. (Org). **Educação, relações de gêneros e movimentos: um diálogo necessário**. Dourados: UFGD, 2009, p. 207-34.

PAZ, Rogério Borges de Oliveira et al. **Diagnóstico do P.A Hebert de Souza**. Centro de Educação e Desenvolvimento Sustentável do Cerrado – CEDESC/INCRA, 2014.

PINTO, Fabiana. O que é história oral. **Capitolina**, 24, ano 2, mar. 2016. Disponível em <<http://www.revistacapitolina.com.br/o-que-e-historia-oral/>> Acesso em: 17 Janeiro. 2020.

SILVEIRA, D. R. **O desenvolvimento econômico das famílias assentadas no Projeto de Assentamento Hebert de Souza no município de Paracatu – MG**. 2016. 49 p. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUZA, E. S. **As Vozes Das Mulheres Trabalhadoras Rurais no Assentamento Hebert De Souza Município De Paracatu/MG: Aprendendo com as mulheres do campo**. 2015. 178 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

TURATTI, M.C. M. Acampamento do MST: uma discussão crítica sobre a sociabilidade e poder. In: **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS)**, 23., Caxambu, 1999.